



Reformador

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

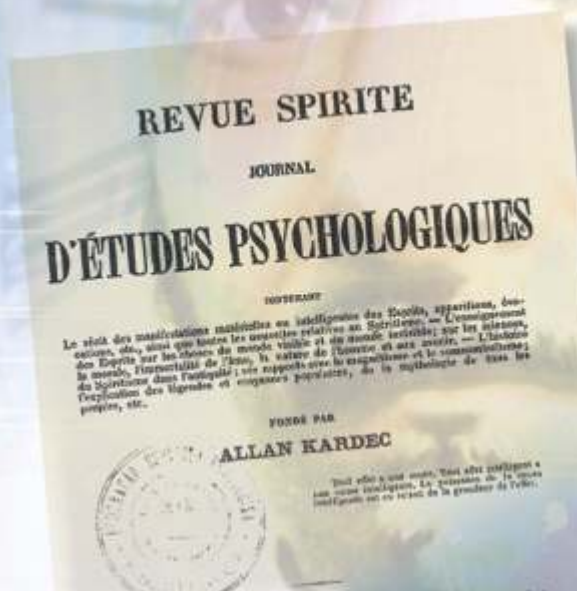
DEUS, CRISTO E CARIDADE

Ano 126 • Nº 2.146 • Janeiro 2008

Revista Espírita

150 anos

Laboratório de
Allan Kardec



Veja nesta Edição:

Característicos essenciais das Revelações

Sem adiamentos

Lições práticas de humildade
para todas as idades

R\$ 5,00

ISSN 1413 - 1749



9 771413 174008



A L L A N K A R D E C

REVISTA ESPÍRITA

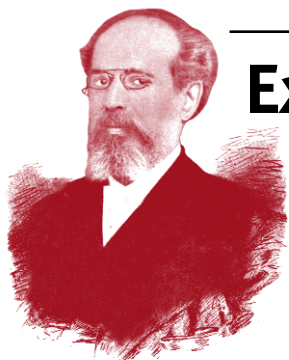
Jornal de Estudos Psicológicos

Autor: Allan Kardec

Formato: 14x21cm



www.feblivraria.com.br • feblivraria@febnet.org.br
(21) 2187-8268/8272 • relacionamento@febrasil.org.br



Expediente

Fundada em 21 de janeiro de 1883

Fundador: **Augusto Elias da Silva**

Reformador

Revista de Espiritismo Cristão

Ano 126 / Janeiro, 2008 / N.º 2.146

ISSN 1413-1749

Propriedade e orientação da

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

Diretor: NESTOR JOÃO MASOTTI

Diretor-substituto e Editor: ALTIVO FERREIRA

Redatores: AFFONSO BORGES GALLEGOS SOARES, ANTONIO

CESAR PERRI DE CARVALHO, EVANDRO

NOLETO BEZERRA E LAURO DE OLIVEIRA SÃO THIAGO

Secretário: PAULO DE TARSO DOS REIS LYRA

Gerente: ILCIO BIANCHI

Gerente de Produção: GILBERTO ANDRADE

Equipe de Diagramação: SARAI AYRES TORRES, AGADYR

TORRES E CLAUDIO CARVALHO

Equipe de Revisão: MÔNICA DOS SANTOS E WAGNA

CARVALHO

REFORMADOR: Registro de publicação

n.º 121.P.209/73 (DCDP do Departamento de Polí-

cia Federal do Ministério da Justiça),

CNPJ 33.644.857/0002-84 • I. E. 81.600.503

Direção e Redação:

Av. L-2 Norte • Q. 603 • Conj. F (SGAN)

70830-030 • Brasília (DF)

Tel.: (61) 2101-6150

FAX: (61) 3322-0523

Departamento Editorial e Gráfico:

Rua Souza Valente, 17 • 20941-040

Rio de Janeiro (RJ) • Brasil

Tel.: (21) 2187-8282 • FAX: (21) 2187-8298

E-mail: redacao.reformador@febrasil.org.br

Home page: <http://www.febrasil.org.br>

E-mail: febrasil@febrasil.org.br

PARA O BRASIL

Assinatura anual **R\$ 39,00**

Número avulso **R\$ 5,00**

PARA O EXTERIOR

Assinatura anual **US\$ 35,00**

Assinatura de Reformador:

Tel.: (21) 2187-8264 • 2187-8274

E-mail:

assinaturas.reformador@febrasil.org.br

Projeto gráfico da revista: JULIO MOREIRA

Capa: AGADYR TORRES PEREIRA

Sumário

4 Editorial

Revista Espírita – 150 anos

11 Entrevista: Roger Perez

O papel da *Revista Espírita* na difusão da Doutrina Espírita

14 Presença de Chico Xavier

Em nome do Evangelho – *Emmanuel*

21 Esflorando o Evangelho

Esperança – *Emmanuel*

32 A FEB e o Esperanto

Zamenhof – Traços luminosos de um nobre caráter –

Afonso Soares

37 Conselho Federativo Nacional –

Reunião Ordinária do Conselho Federativo Nacional

42 Seara Espírita

5 Características essenciais das Revelações –

Juvanir Borges de Souza

8 Sem adiamentos – Bezerra de Menezes

10 Preservação dos princípios doutrinários –

Umberto Ferreira

13 Conselho Federativo Nacional da FEB – Calendário das Reuniões das Comissões Regionais de 2008

15 Os riscos do perfeccionismo – Carlos Abranches

16 Caracteres da perfeição – Allan Kardec

17 Revista Espírita – Laboratório de Allan Kardec – 150 anos! (Capa) – Evandro Noleto Bezerra

22 Seminário “Pelos Caminhos da Evangelização” na FEB-Rio

23 Lições práticas de humildade para todas as idades

– *Clara Lila Gonzalez de Araújo*

26 A energia divina – Richard Simonetti

28 Retorno à Pátria Espiritual – Honório Onofre de Abreu

29 Em dia com o Espiritismo – Consciência, consciente, autoconsciência e autoconhecimento –

Marta Antunes Moura

34 Cristianismo Redivivo – História da Era Apostólica – Novas perguntas – Haroldo Dutra Dias



Editorial

Revista Espírita – 150 anos –

Em maio de 1855, o Prof. Hippolyte Léon Denizard Rivail fez seu primeiro contato com o fenômeno mediúnico das mesas girantes, na casa da Sra. Plainemaison.

Observando que o fenômeno era provocado por Espíritos de pessoas desencarnadas, constatou – já então na residência da família Baudin –, que esses seres não tinham noção absoluta das coisas e emitiam apenas opiniões limitadas aos seus conhecimentos. Compreendendo que no fenômeno observado poderia encontrar respostas às suas dúvidas e soluções para muitos dos problemas da Humanidade, o Prof. Rivail deu austeridade ao contato com os Espíritos. Com isto, somente Espíritos sérios passaram a participar das reuniões, afastando os levianos.

Nos meses de abril e junho de 1856, o Prof. Rivail tomou conhecimento dos graves compromissos por ele assumidos no sentido de descortinar para a Humanidade os ensinamentos e as lições transmitidos pelos Espíritos superiores. Convicto da tarefa assumida, aprofundou seus estudos e, utilizando o método do “Controle universal dos ensinamentos dos Espíritos”,* separou o que era opinião pessoal dos Espíritos comunicantes, dos princípios básicos da Doutrina. Em 18 de abril de 1857, com o pseudônimo de Allan Kardec, lançou *O Livro dos Espíritos*, que contém os ensinamentos dos Espíritos superiores.

Marcada a presença do Espiritismo no mundo, em janeiro de 1858 Kardec iniciou a publicação da *Revista Espírita* – periódico mensal utilizado na difusão da Doutrina e como laboratório para suas pesquisas e observações. Contatando com pessoas de outras cidades e países, comunicava, nas páginas da Revista, o resultado do trabalho por ele realizado, e informava sobre os acontecimentos ocorridos no campo das comunicações mediúnicas, em outras partes do mundo, até março de 1869, quando desencarnou.

Ao comemorar os 150 anos de sua existência, caracterizada por um constante trabalho de superação de inúmeros obstáculos, a *Revista Espírita* continua difundindo o Espiritismo em seus princípios básicos, levando a mensagem esclarecedora e consoladora da Doutrina Espírita, em diversas línguas, com a amplitude e a diretriz estabelecida por Allan Kardec, a todos os povos do mundo.

*KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. “Introdução”, cap. II, Ed. FEB.

Característicos essenciais das Revelações

JUVANIR BORGES DE SOUZA

Quando o homem primitivo surgiu na Terra, este mundo já existia há milhões de anos, como um dos planetas do sistema solar.

Os conhecimentos científicos não têm meios seguros para determinar, com precisão, a época exata em que a vida humana passou a fazer parte deste mundo.

Hipóteses foram formuladas, ora pelo criacionismo ligado a crenças religiosas, ora pelo evolucionismo espontâneo decorrente das leis da Natureza, doutrina filosófica que sustenta a mutabilidade das espécies, como afirmam o darwinismo e o lamarckismo.

O que se sabe, com segurança, é que os vegetais e os animais, inclusive de espécies

já desaparecidas, precederam o homem na Terra.

Assim, as origens do mundo, sua natureza, finalidade e transformações foram objeto das tradições e das crenças das populações e povos, antes e depois dos períodos históricos e anteriores às cogitações científicas.

As tradições mais antigas vêm dos povos orientais, especialmente da Índia e da China, mas também da Mesopotâmia e da Pérsia, do Egito, da Grécia e do povo judeu.

Nos escritos sagrados desses povos há revelações simbólicas sobre a origem do mundo e do homem, que ainda permanecem nos dias atuais como crenças arraigadas.

De todas essas antigas idéias, sobre o problema das origens, permaneceram concepções opostas:

a primeira, de natureza religiosa, que não admite contestações, considera-se verdadeira e definitiva; a segunda, que tem caráter científico, baseia-se em hipóteses ainda não comprovadas por pesquisas que tenham chegado a conclusões definitivas.

O que ocorre a respeito de determinadas idéias é que a Humanidade, de forma geral, ainda não percebeu sua verdadeira condição, constituída por individualidades espirituais atrasadas e imperfeitas, que ainda estão longe de conhecer inúmeras realidades do mundo em que viveram e, com mais razão, do Universo infinito e eterno criado por Deus.

O problema das origens é uma das questões, entre muitas outras, que os habitantes



deste mundo, de “expições e provas”, ainda não têm condições de resolver satisfatoriamente, pelo conhecimento dos fatos.

Daí a formulação de hipóteses, de caráter religioso ou científico, que não resistem a análises aprofundadas, baseadas na razão esclarecida e no confronto com realidades já comprovadas.

O niilismo, o materialismo de múltiplas faces, a incredulidade sistematizada são decorrências, em muitos casos, do inconformismo de milhões de seres humanos com as explicações tradicionais das crenças religiosas e também científicas, que não correspondem às realidades e à verdade.

São erros e enganos, oriundos da ignorância humana, sobre assuntos que estão além da capacidade de entendimento dos habitantes deste orbe, a gerar outros equívocos de perniciosas conseqüências para inúmeras outras criaturas.

Entretanto, se observarmos, com o devido cuidado, os acontecimentos e as idéias surgidos no curso de toda a história humana, chegamos à conclusão de que a Providência Divina jamais deixou o homem indefinidamente entregue aos próprios erros e enganos, sem nenhum auxílio.

Pelo contrário, jamais faltou às coletividades, nações, ou civilizações a assistência superior, através de enviados especiais do Governador espiritual da Terra, incumbidos de esclarecer e ajudar as coletividades em que renasceram, ou em que atuaram, não para desviá-las completamente de suas convicções

e formas de vivência, mas para ajudá-las à melhor compreensão da vida e na busca de aspectos da verdade, sempre dentro dos limites e possibilidades das criaturas e sem prejuízo do livre-arbítrio com que foram criados todos os Espíritos.

Por isso, as revelações superiores, que estão presentes em todas as épocas da história humana, não abrangem toda a verdade, mas se ajustam à inteligência e às possibilidades de entendimento dos seus beneficiários, auxiliando-os para que não se afastem, cada vez mais, das realidades e do entendimento da vida.

As revelações são, assim, auxílios superiores aos que procuram evoluir, seguir à frente, mas que se encontram em dificuldades decorrentes das idéias, convencimentos e crenças que adotaram, as quais não se ajustam à verdade e à vida.

Desta forma, ao mesmo tempo que esclarecem melhor as consciências, com novas percepções, não forçam determinados limites de seres incapazes de dar grandes saltos evolutivos.

Jesus, o Mestre Incomparável, sabia e sabe das dificuldades com que se deparam os seres espirituais da retaguarda para seguirem à frente, de acordo com a divina lei do progresso.

Por isso utilizou métodos indiretos para transmitir seus ensinamentos, servindo-se muitas vezes de figuras, símbolos e especialmente de exemplos, em muitas de suas lições inesquecíveis.

Podemos, assim, melhor entender a advertência do Mestre, quando afirmou não ter vindo ao mun-

do para “destruir a lei, mas para dar-lhe cumprimento”, acrescentando, em outra oportunidade, essa síntese maravilhosa de sua missão excepcional:

“Eu sou o Caminho, e a Verdade e a Vida”.

•

A revelação vinda através de Moisés não é definitiva, nem representa toda a verdade. Atendeu a uma fase evolutiva de um povo que teve o mérito de mostrar à Humanidade a existência de um Deus único, contrapondo-se à crença, generalizada e equivocada, em muitos deuses, que prevaleceu por muitos milênios.

Jesus, entretanto, após a Revelação Mosaica, reafirma a verdade da existência de um só Deus, o Criador de todo o Universo, mas retifica o entendimento e as interpretações que as sucessivas gerações judaicas deram a outros ensinamentos recebidos do Alto.

O Mestre Incomparável deixou claro que suas lições e exemplos não abrangiam toda a Verdade, de vez que os homens não haviam atingido ainda a plena capacidade de entendimento de todas as realidades, especialmente no que diz respeito à vida em outros planos espirituais, prometendo, por isso, pedir ao Pai o envio de outro Consolador, para ficar no mundo para sempre.

Ele cumpriu sua promessa, na época e na hora apropriadas, enviando a Doutrina Consoladora para ficar com a Humanidade e preparar-lhe uma nova era de entendimento e de progresso espiritual.

Todos os fenômenos preparatórios ocorridos a partir da primeira metade do século XIX, nos Estados Unidos (Hydesville) e na Europa (mesas girantes), seguidos das observações cuidadosas e seguras do missionário Allan Kardec, foram acontecimentos destinados a trazer aos homens uma Terceira Revelação, que complementa as anteriores.

Os livros básicos da Doutrina, escritos pelo Codificador, sob a orientação dos Espíritos superiores, à frente o Espírito de Verdade, obras que posteriormente se dobraram em milhares de outras, de autoria de diversas entidades espirituais e dos próprios homens, expressam, ampliam e expandem a última Revelação, como previu o Espírito de Verdade:

As grandes vozes do Céu ressoam como sons de trombetas, e os cânticos dos anjos se lhes associam. Nós vos convidamos, a vós homens, para o divino concerto. [...] ("Prefácio" de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, Ed. FEB.)

A Nova Revelação destina-se especialmente a retificar entendimentos distorcidos das anteriores, relembrar os ensinamentos do Cristo, trazer conhecimentos novos aos que aspiram progredir sempre, e desvendar a existência de esferas ou mundos espirituais, que estão em contínuos relacionamentos com o nosso, habitados por seres espirituais de diferentes condições morais e intelectuais.

Ao retificar as idéias niilistas, materialistas e os desvios espiritua-

listas, como a absorção do Espírito no todo universal, com o fim da sua individualidade, o Consolador já está preparando uma Nova Era, para a regeneração do mundo atual.

O reconhecimento dessas regiões espirituais, que abrigam toda a população dos que denominamos *mortos*, demonstra que, na realidade, não existe a morte do ser eterno, o Espírito, mas somente a desagregação da parte material – o corpo físico – de que se utiliza o ser imortal em sucessivas reencarnações.

Todas essas noções, de grande interesse para os habitantes de um mundo material como a Terra, não são aceitas por grande parte de sua população, até mesmo pelos cientistas.

Pouco a pouco, entretanto, todos aqueles que procuram, sinceramente, a realidade, vão se convencendo da verdade demonstrada pelos fatos, pelas manifestações dos próprios Espíritos e pelo conhecimento das leis eternas, justas e perfeitas do Criador, a causa primária de todas as coisas.

•

O Espiritismo, como uma Nova Revelação, tem caráter científico, ao tratar do espírito como o outro elemento do Universo, ao lado da matéria. Nesse caso, sem dúvida, está contribuindo para que a verdadeira Ciência não se omita ao negar a existência da parte imaterial do Universo.

Compreendeu Allan Kardec o posicionamento materialista das ciências, ao explicar que a pesquisa das leis naturais, em um mun-

do material, como o nosso, só poderia iniciar-se no plano físico, já que a realidade da matéria é a que impressiona, em primeiro lugar, os nossos sentidos físicos.

Somente com a ampliação das percepções, para além do plano material, iniciar-se-iam as investigações da realidade espiritual.

Foi o que ocorreu.

Por isso o plano espiritual iniciou a Nova Revelação com a fenomenologia espírita, chamando a atenção para o desconhecido.

Quanto à tendência das ciências e dos cientistas para o materialismo, sua modificação é uma questão de tempo.

Sendo a Ciência o conhecimento da realidade das coisas, a verdade em todos os sentidos, é evidente que a realidade da vida espiritual apresentada pelo Espiritismo não pode ficar ignorada, indefinidamente, pelos negativistas.

Se a generalidade dos cultores das diversas ciências não aceitou a Doutrina Espírita em seus primórdios, na atualidade a situação alterou-se muito, embora não totalmente.

O bom senso nos mostra que os cientistas, por coerência com seus conhecimentos corretos, não poderão negar a realidade dos fatos e das leis que os regem. ■

O homem nunca esteve sozinho em nenhuma época da Humanidade



Sem adiamentos

Filhos da alma:
Que Jesus nos abençoe!

Aqueles dias, assinalados pelo ódio e pela traição, pelo desbordar das paixões asselvajadas pelo crime e a hediondez, eram as bases sobre as quais as forças conjugadas do Mal iam erigir o seu quartel de destruição do Bem.

Veio Jesus e gerou uma nova era centrada no amor.

Dezenove séculos depois, apresentavam-se as criaturas em condições quase equivalentes. É certo que, nesse ínterim, houve um grande desenvolvimento tecnológico e científico, e o progresso colocou fronteiras que se abriam para o futuro, mas as lutas eram tirânicas entre o materialismo e o espiritualismo.

Então veio Allan Kardec e, com a caridade exaltando o amor do Mestre, proporcionou à Ciência investigar em profundidade o ser humano, identificando-lhe a imortalidade, a comunicabilidade, a reencarnação do Espírito, que é indestrutível.

Cento e cinquenta anos depois, as paisagens terrestres encontram-se sombreadas por crimes equivalentes aos referidos, que não ficaram apenas no passado, e o monstro da guerra espreita sorrateiro nos pontos cardeais do Planeta, aguardando o momento para apresentar-se destruidor, como se capaz fosse de eliminar o Bem, de destruir a Vida.

Neste momento, a Doutrina

Espírita, sintetizando o pensamento de Cristo nas informações da sua grandiosa filosofia centrada na experiência dos fatos, apresenta a Era da Paz, proporcionando a visão otimista do futuro e oferecendo a alegria de viver a serviço do Bem.

Vivemos os momentos difíceis da grande transição terrestre.

As dificuldades multiplicam-se e a cizânia homiztia-se nos corações, procurando gerar divisionismos e partidos que entrem em conflagração com caráter destruidor. O ódio, disfarçado na indumentária da hipocrisia, assenhoreia-se das vidas, enquanto a insensatez estimula os instintos não superados, para que atirem a criatura humana no charco das paixões dissolventes onde pretendem afogá-la. Mas é neste momento grave que as luzes soberanas da verdade brilham no *velador* das consciências, conclamando-nos a todos, desencarnados e encarnados, a porfiar no bem até o fim.

Não são fáceis as batalhas travadas no íntimo, mas Jesus não nos prometeu facilidades. Referiu-se mesmo à espada que deveria separar o bem do mal, destruir a iniquidade para salvar o iníquo.

Os desafios que se multiplicam constituem a grande prova através da qual nos recuperamos dos delitos graves contra nós mesmos, o nosso próximo, a sociedade, quando pervertemos a mensagem de amor inspirados pelos interesses vis a que nos afeiçoávamos.

Agora é o grande instante da decisão. Não há mais lugar para titubeios, para postergarmos a realização do ideal.

Já compreendemos, juntos, que os denominados dois mundos são apenas um mundo em duas vibrações diferentes. Estão perfeitamente integrados no objetivo de construir um outro mundo melhor e fazer feliz a criatura humana.

Demo-nos as mãos, unidos, para que demonstremos que as nossas pequenas diferenças de opinião são insuficientes para superar a identificação dos nossos propósitos nos paradigmas doutrinários em que firmamos os ideais.

Demo-nos as mãos, para enfrentarmos a onda de *homicídios legais* nos disfarces do aborto, da eutanásia, do suicídio, da pena de morte que sempre buscam a legitimação, porque jamais serão morais.

Empenhemo-nos por viver conforme as diretrizes austeras

exaradas no Evangelho e atualizadas pelo Espiritismo.

Jesus, meus filhos, encontra-se conduzindo a nau terrestre e a levará ao porto seguro que lhe está destinado.

Disputemos a honra de fazer parte da sua tripulação, na condição de humildes colaboradores. Que o sejamos, porém, fiéis ao comando da Sua dúcida voz.

Não revidar mal por mal, não desperdiçar o tempo nas discussões infrutíferas das vaidades humanas, utilizar esse patrimônio na edificação do reino de Deus em nós mesmos, são as antigas-novas diretrizes que nos conduzirão ao destino que buscamos.

Estes são dias tumultuosos!

Se, de uma forma, viveis as alegrias dos avanços do conhecimento científico e tecnológico, desfrutais das comodidades que proporcionam ao lado de centenas de milhões de Espíritos sofridos e anatematizados pela enfermidade, pela fome, pela dor, quase esquecidos, também são os dias de acender a luz do amor em vossos corações, para que o amor distenda as vossas mãos na direção deles, *os filhos do calvário*. Mas não apenas deles, como também dos *filhos do calvário* no próprio lar, na Casa Espírita, na

oficina de dignificação pelo trabalho, no grupo social...

Em toda parte Jesus necessita de vós, para falar pela vossa boca, caminhar pelos vossos pés e agir através das vossas mãos.

Exultai, se incompreendidos. Alegrai-vos, se acusados. Buscai sorrir, se caluniados ou esquecidos dos aplausos terrestres.

As vossas condecorações serão as feridas cicatrizadas na alma que constituirão o passaporte divino para, depois da grave travessia, entrardes no grande lar em paz.

Ide, pois, de retorno às vossas lides e amai.

Levai Jesus convosco e vivei-O.

Ensinai a todos a doutrina de libertação e dela fazei a vossa bússola.

Na ampulheta das horas o tempo continua inexoravelmente sem tempo para adiamentos.

Vigiai orando e amai servindo.

Que o Senhor de bênçãos nos abençoe, filhos da alma, é a súplica que faz o servidor humílimo e paternal de sempre,

Bezerra

(Mensagem psicofônica recebida pelo médium Divaldo Pereira Franco ao final da Reunião do Conselho Federativo Nacional da FEB, no dia 11 de novembro de 2007, em Brasília, DF.)

Preservação dos princípios doutrinários

UMBERTO FERREIRA

Em seu livro *História Eclesiástica, os primeiros quatro séculos da Igreja Cristã*, Eusébio de Cesaréia – que viveu de 260 a 340 d.C. – relata que, desde o seu início, o Cristianismo correu o risco de sofrer distorções na sua prática, devido às heresias que foram surgindo. Algumas provocaram prolongadas polêmicas; outras, verdadeiras cisões em alguns núcleos cristãos.

A partir do ano 325, quando passou a ser a religião oficial do Império Romano, o Cristianismo não conseguiu manter a sua pureza original e acabou sofrendo significativos desvios na interpretação dos ensinamentos e na prática. A situação agravou-se a partir do ano 553 – Concílio de Constantinopla II –, quando a tese da preexistência da alma, de Orígenes, foi condenada. Isso significou a exclusão do princípio da reencarnação.

Na nova roupagem, o Cristianismo não conseguiu mais explicar as desigualdades de oportunidades entre os seres humanos, a lei de causa e efeito, a compatibilização entre a lei de justiça e a misericórdia divina. Em consequência, perdeu a sua força como doutrina que

foi legada aos homens para esclarecê-los, promover a sua transformação moral e trazer-lhes a esperança por uma vida melhor.

O Espiritismo completa 150 anos. É muito jovem ainda. Surgiu numa época bastante favorável, com a Humanidade bem mais desenvolvida. Os seus ensinamentos não são apresentados sob forma alegórica, são claros, podem ser entendidos tanto pelas pessoas mais cultas, quanto pelas menos letradas. Além disso, há grande número de livros de autoria dos Espíritos e de escritores encarnados que explicava os seus princípios; assim, praticamente não ficam dúvidas.

Enquanto a redação definitiva dos evangelhos só foi feita mais de doze anos depois da volta de Jesus à Pátria Espiritual – manuscrita, em papiro –, os ensinamentos espíritas já foram lançados em livros, escritos e revisados por Kardec, sob a supervisão dos Espíritos superiores; por isso o Espiritismo corre risco bem menor de ser alterado no conteúdo doutrinário, especialmente o que está exposto nas obras básicas. O mesmo não se pode dizer com relação à prática: nesta há certo risco.

Os desvios podem ocorrer pela introdução de práticas estranhas à Doutrina, por priorizarem o fenômeno mediúnico, ou por iniciá-las e mantê-las sem o conhecimento seguro da teoria; ou ainda pela presunção de pessoas ou grupos de terem competência para reformar a base doutrinária, ou mesmo de elaborar outra teoria. Em todos esses casos, costuma haver a participação de Espíritos, adversários do Espiritismo, que agem orientando grupos crédulos, ou insuflando idéias em desacordo com os princípios espíritas e cristãos a pessoas dominadas pelo orgulho, pela presunção.

Para evitar que isso aconteça, é fundamental preservar-se os princípios doutrinários tanto na teoria como na prática. Para se atingir esse objetivo, são indispensáveis: estudo contínuo, para se ter orientação adequada e segurança nas atividades, e humildade, para nunca se afastar desse caminho seguro.

Assim, o Espiritismo – que restaura o Cristianismo na sua pureza – não sofrerá alterações, nem desvios; será preservado em toda a sua integridade. ■

Entrevista

ROGER PEREZ

O papel da *Revista Espírita* na difusão da Doutrina Espírita

Roger Perez, presidente da *Union Spirite Française et Francophone* (União Espírita Francesa e Francófônica), analisa a importância da *Revue Spirite** desde o seu lançamento por Allan Kardec até os desdobramentos na atualidade

Reformador: Como avalia a importância da *Revue Spirite* no período de Kardec (1858-1869)?

Roger: Foi sob a iniciativa solitária de Allan Kardec que, a partir de 1858, foi publicada a *Revue Spirite*. É a revista espírita mais antiga e a que mais contribuiu à divulgação da Doutrina Espírita. A publicação magistral da *Revue Spirite*, notadamente durante o primeiro período (1858-1869), deve ser considerada por todos os espíritas como a pedra angular para se compreender seu longo alcance moral. Período no qual Allan Kardec já estava consciente da força renovadora do Espiritismo e da necessidade de avançar seus trabalhos a despeito da-

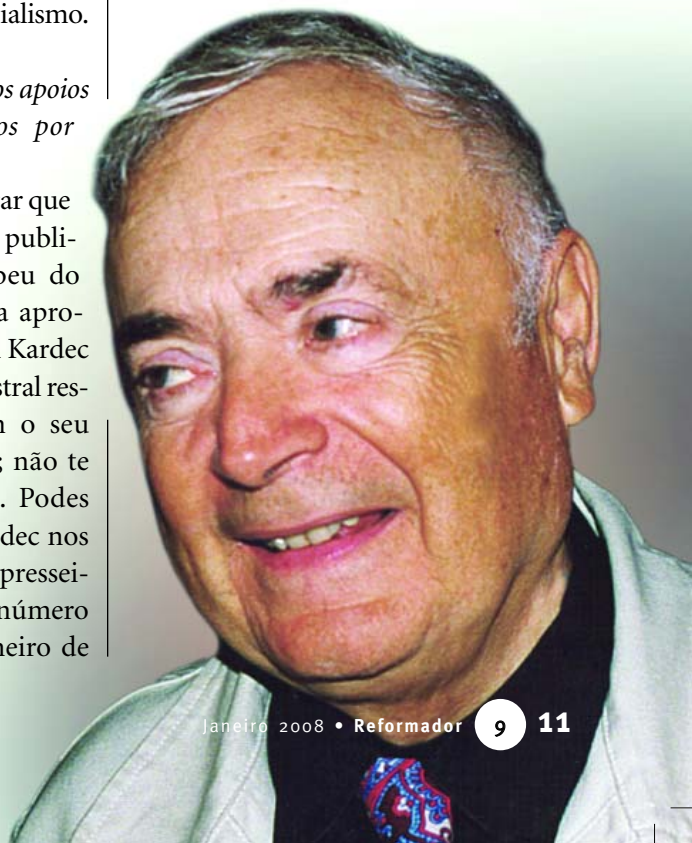
queles que buscavam destruir-lhe a missão (comunicação recebida em 24 de janeiro de 1860). Ele tinha a certeza de que o Espiritismo seria chamado a desempenhar uma intensa tarefa para a evolução de nosso planeta, trazendo a verdade sobre a missão de Jesus, extinguindo o ateísmo e o materialismo.

Reformador: Como foram os apoios e dificuldades enfrentados por Kardec?

Roger: É importante lembrar que desde o começo a idéia de publicar a *Revue Spirite* recebeu do mundo espiritual absoluta aprovação. Neste sentido, Allan Kardec recebeu dos Espíritos magistral resposta: “Age com ou sem o seu concurso [Sr. Tiedeman]; não te consumas por sua causa. Podes prescindir dele”. Allan Kardec nos diz em *Obras Póstumas*: “Apressei-me a redigir o primeiro número e fi-lo circular a 1º de janeiro de

1858, sem haver dito nada a quem quer que fosse. [...] Publiquei-o correndo eu, exclusivamente, todos os riscos e não tive de que me arrepender, porquanto o resultado ultrapassou a minha expectativa. [...]”. Tudo isso apesar do Auto-de-fé em Barcelona, de 21 de outubro de

* N. da R.: Atualmente é intitulada *La Revue Spirite*. O artigo “La” só foi preposto ao nome da *Revue Spirite* a partir de 1913. (WANTUIL, Zêus; THIESEN, Francisco. *Allan Kardec: pesquisa biobibliográfica e ensaios de interpretação*. v. III. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1998. “La Revue Spirite”, p. 47, nota 7.)



1861, onde foram queimados *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns*, e coleções da *Revue Spirite*, ou seja, um total de 300 livros e diversos volumes de outras obras espíritas. Este fato teve como repercussão um resultado estrondoso, mas muito positivo, que deu uma impulsão fazendo progredir o Espiritismo na Espanha e no mundo. (*Revue Spirite*, novembro de 1861.)

Uma série de comunicações emanadas do mundo espiritual, recebidas por Allan Kardec em 1867 (16 de agosto e 9 de setembro) e em 1868 (23 de fevereiro e 1º de julho), podem ser assim resumidas. “Tem-te, pois, pronto para tudo [...]”. O ano próximo começará em breve; é preciso, pois, que, pelos fins deste, dê a última demão à primeira parte da obra espírita [...]”. Assim se constituiu o “Projeto de 1868”: sobre a necessidade de uma base sólida e de uma unidade doutrinária positiva e organizada do Espiritismo. Allan Kardec insistia que a ausência de unidade poderia entrar a propagação da Doutrina Espírita. É interessante situar num contexto histórico, e na sua atmosfera social, o projeto de estruturação do Movimento Espírita preconizado por Allan Kardec, bem como seus propósitos sobre o caráter reformador e universal do Espiritismo. Ele sublinha judiciosamente o caráter progressista do Espiritismo em assimilando todas as idéias reconhecidamente justas, sabendo-se que cedo ou tarde o bem suplanta o mal e o verdadeiro prima sempre sobre o falso. Aí está a única luta em que ele se engajou.

Que os homens se contentem de ser assistidos e protegidos pelos bons Espíritos, mas que não procurem se isentar da responsabilidade que lhes incumbe como encarnados.

Reformador: *E o apoio mais recente do Conselho Espírita Internacional?*

Roger: Lembrando nosso venerando Léon Denis, os espíritas franceses, como os espíritas do mundo, congregados no Conselho Espírita Internacional, encontram-se diante de um compromisso em que a marcha dos acontecimentos permanece proporcional aos seus conhecimentos das leis morais e da consciência de suas responsabilidades. Eles devem antes de tudo ser dignos, nos seus pensamentos e atos de todos os instantes, dos grandes princípios que constituem a Doutrina dos Espíritos, à qual é necessário suscitar uma adesão voluntária.

Hubert Forestier, que foi diretor de publicação da Revista, dizia que a “*Revue Spirite* é filha do pensamento de Allan Kardec”. Hoje, em cooperação estreita com o Conselho Espírita Internacional, a *Revue Spirite* imprime a presença espírita na França e no mundo, em vários idiomas; ela é impressa no Brasil, que sempre estendeu a mão fraterna à USFF.

No alvorecer do Espiritismo, como doutrina codificada, Paul Bodier, ilustre espírita francês do século retrasado, dizia: “Formulamos o voto sincero para que a publicação *Revue Spirite* seja divulgada não somente na França, mas no mundo terrestre, para que sob mil formas, o invisível penetre os sensitivos e se

imponha de maneira que eles possam seguir com facilidade o nobre caminho traçado pelos nossos ilustres antepassados que já retornaram ao mundo dos Espíritos”.

Reformador: *Como conseguiu reaver a Revue Spirite após as deturpações que ela sofreu entre os anos 1970-1980?*

Roger: A USFF retomou seus legítimos direitos em 1985, com a reaparição da *Revue Spirite* depois de doze anos de interrupção de sua publicação. Louis Serré e eu conduzimos um duro combate sempre sustentado por comunicações emanadas de uma entidade espiritual que se identificava como “O irmão do trabalho”, a qual nos revelou certos pontos administrativos frágeis que agiram em nosso favor, desde o começo do processo legal, para reaver a *Revue Spirite*. Este Espírito nos pediu para nada revelar de sua identidade. O único detalhe que posso relatar é que se trata de uma personalidade que foi um grande nome da Igreja Católica. Com a sua permissão, eu gostaria de acrescentar que sua conversão às idéias espíritas se realizou após a desencarnação, pelo que, ainda quando não o possamos sequer imaginar, conversões também se realizam no Mundo Maior. Lembrando Shakespeare quando dizia: “A verdade tem um coração tranqüilo”.

Reformador: *Quais foram os esforços da USFF para manter a Revue Spirite?*

Roger: Apesar do grande devotamento de nossos irmãos do *Centre de Doctrine et d’Initiation Spirite*

Christiques de Tours, defrontamos com problemas técnicos e financeiros para a edição da *Revue Spirite*, o que era para essa pequena equipe um dever sagrado a cumprir. Essa angústia permanente de não saber se podíamos manter a edição da *Revue Spirite* foi acalmada a partir de um acontecimento inesperado, que nos foi informado através de comunicações mediúnicas. Mas não sabíamos o que seria nem quando ocorreria. Tal acontecimento se deu em 1º de novembro de 1990, quando da visita a Tours de nossos estimados irmãos Nestor João Masotti e Paulo Roberto Pereira da Costa. Assim, a primeira ajuda para a ampliação e a permanência de uma edição sólida da *Revue Spirite* nos veio da Federação Espírita Brasileira, bem antes da criação do Conselho Espírita Internacional, em 1992.

Reformador: *Desde 2000 há uma parceria da USFF com o CEI para a edição da Revue Spirite. Como avalia sua expansão em outros idiomas?*

Roger: A parceria existe sob uma forma tácita, baseada nos princípios de honra e de fraternidade, sob as asas protetoras do mundo espiritual. Tal é o meu sentimento, profundo e inabalável. Como prova deste legado tem-se, hoje, a extensão da Revista em vários idiomas. Há alguns anos, quando da reaparição da *Revue Spirite* em 1985, quem poderia imaginar tal acontecimento, senão o mundo espiritual e os seres encarnados de boa vontade, fundadores do Conselho Espírita Internacional? ■

Conselho Federativo Nacional da FEB

Calendário das Reuniões das Comissões Regionais de 2008

Nordeste

1. Comissão Regional Nordeste

- 1.1 Cidade-sede: Natal (RN).
- 1.2 Período: de 11 a 13 de abril.
- 1.3 Reunião dos Dirigentes: Assunto – “Gestão Federativa”.

Sul

2. Comissão Regional Sul

- 2.1 Cidade-sede: Porto Alegre (RS).
- 2.2 Período: de 25 a 27 de abril.
- 2.3 Reunião dos Dirigentes: Assunto – “Reflexões éticas sobre a influência das atividades de entidades não federadas e a qualidade das produções espíritas”.

Norte

3. Comissão Regional Norte

- 3.1 Cidade-sede: Manaus (AM).
- 3.2 Período: de 22 a 25 de maio.
- 3.3 Reunião dos Dirigentes: Assunto – “O papel do dirigente como multiplicador na Casa Espírita”.

Centro

4. Comissão Regional Centro

- 4.1 Cidade-sede: Belo Horizonte (MG).
- 4.2 Período: de 20 a 22 de junho.
- 4.3 Reunião dos Dirigentes: Assunto – “Principais necessidades e dificuldades para a estruturação e implantação do ‘Plano de Trabalho’ pelas Federativas”.

Áreas Específicas

Serão realizadas, concomitantemente com a Reunião dos Dirigentes, e, com temas próprios escolhidos em 2007, as reuniões das Áreas Específicas de Atendimento Espiritual no Centro Espírita, Atividade Mediúnica, Comunicação Social Espírita, Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, Infância e Juventude, Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita.



Presença de **Chico Xavier**

Em nome do Evangelho

“Para que todos sejam um” – Jesus. (João, 17:22.)

Reunindo-se aos discípulos, empreendeu Jesus a renovação do mundo.

Congregando-se com cegos e paralíticos, restituiu-lhes a visão e o movimento.

Misturando-se com a turba extenuada, multiplicou os pães para que lhe não faltasse alimento.

Ombreando-se com os pobres e os simples, ensinou-lhes as bem-aventuranças celestes.

Banqueteando-se com pecadores confessos, ensinou-lhes o retorno ao caminho de elevação.

Partilhando a fraternidade do cenáculo, prepara companheiros na direção dos testemunhos de fé viva.

Compelido a oferecer-se em espetáculo na cruz, junto à multidão, despede-se da massa, abençoando e amando, perdendo e servindo.

•

Compreendendo a responsabilidade da grande assembléia de colaboradores do espiritismo brasileiro, formulamos votos ardentes para que orientem no Evangelho quaisquer princípios de unificação, em torno dos quais entrelaçam esperanças.

Cremos que a experiência científica e a discussão filosófica representam preparação e adubo no campo doutrinário, porque a semente viva do progresso real, com o aperfeiçoamento do homem interior, permanece nos alicerces divinos da Nova Revelação.

Cultivar o espiritismo, sem esforço espiritualizante, é trocar notícias entre dois planos diferentes, sem significado substancial na redenção humana.

Lidar com assuntos do céu, sem vasos adequados à recepção da essência celestial, é ameaçar a obra salvacionista.

Aceitar a verdade, sem o desejo de irradiá-la, através do propósito individual de serviço aos semelhantes, é vagar sem rumo.

O laboratório é respeitável.

A academia é nobre.

O templo é santo.

A ciência convence.

A filosofia estuda.

A fé converte o homem ao Bem Infinito.

Cérebro rico, sem diretrizes santificantes pode conduzir à discórdia.

Verbo primoroso, sem fundamentos de sublimação, não alivia, nem salva.

Sentimento educado e iluminado, contudo, melhora sempre.

Reunidos, assim, em grande conclave de fraternidade, que os irmãos do Brasil se compenetrem, cada vez mais, do espírito de serviço e renúncia, de solidariedade e bondade pura que Jesus nos legou.

O mundo conturbado pede, efetivamente, ação transformadora. Conscientes, porém, de que se faz impraticável a redenção do Todo, sem o burilamento das partes, unamo-nos no mesmo roteiro de amor, trabalho, auxílio, educação, solidariedade, valor e sacrifício que caracterizou a atitude do Cristo em comunhão com os homens, servindo e esperando o futuro, em seu exemplo de abnegação, para que todos sejamos um, em sintonia sublime com os desígnios do Supremo Senhor.

Pelo Espírito **Emmanuel**

(Mensagem recebida em 14 de setembro de 1948, pelo médium Francisco Cândido Xavier, em Pedro Leopoldo, Minas, destinada aos irmãos do Primeiro Congresso Nacional Espírita em São Paulo.)

Fonte: Anais do I Congresso Brasileiro de Unificação, realizado em São Paulo (SP), no período de 31 de outubro a 5 de novembro de 1948, p. 39-41.

Os riscos do perfeccionismo

“Sede perfeitos [...]” – Jesus. (Mateus, 5:48.)

CARLOS ABRANCHES

Será que Jesus determinou uma sentença impossível para seus irmãos, ao propor que fôssemos perfeitos, assim como é perfeito o Pai que está nos Céus?

A compreensão profunda do que o Mestre quis dizer está diretamente relacionada ao que se entende por *perfeição*. Se ela for assimilada como algo sem mácula, um conjunto de atitudes absolutamente corretas, talvez tenhamos de enfrentar muitas dificuldades para alcançar o que o Cristo nos pede.

Falta ainda uma longa caminhada até o ser humano atingir esse nível de excelência. Por isso, seria interessante se, ao invés de se falar em perfeição, tratássemos de todas as possibilidades de melhoria progressiva a nosso alcance.

•
É preciso admitir as próprias imperfeições. Que somos ainda “fazedores de erros”. Que a perfeição absoluta não existe, e sim o alcance de uma condição evolutiva em que passamos a compreender com amplitude a perfectibilidade de Deus,

conforme apregoam os Espíritos-autores de *O Livro dos Espíritos*.

Quando a criatura não consegue conviver em paz com os próprios limites, corre o risco de se perder em torno de problemas de fundo psicológico. Um deles é a conduta obsessivo-compulsiva.

O obsessivo é aquele que pensa e repensa constantemente sobre sua obsessão, seja ela qual for. O compulsivo sai do campo do pensamento e entra no da prática. Ele não somente faz, mas repete a ação de forma constante, como, por exemplo, lavar as mãos vinte vezes ao dia.

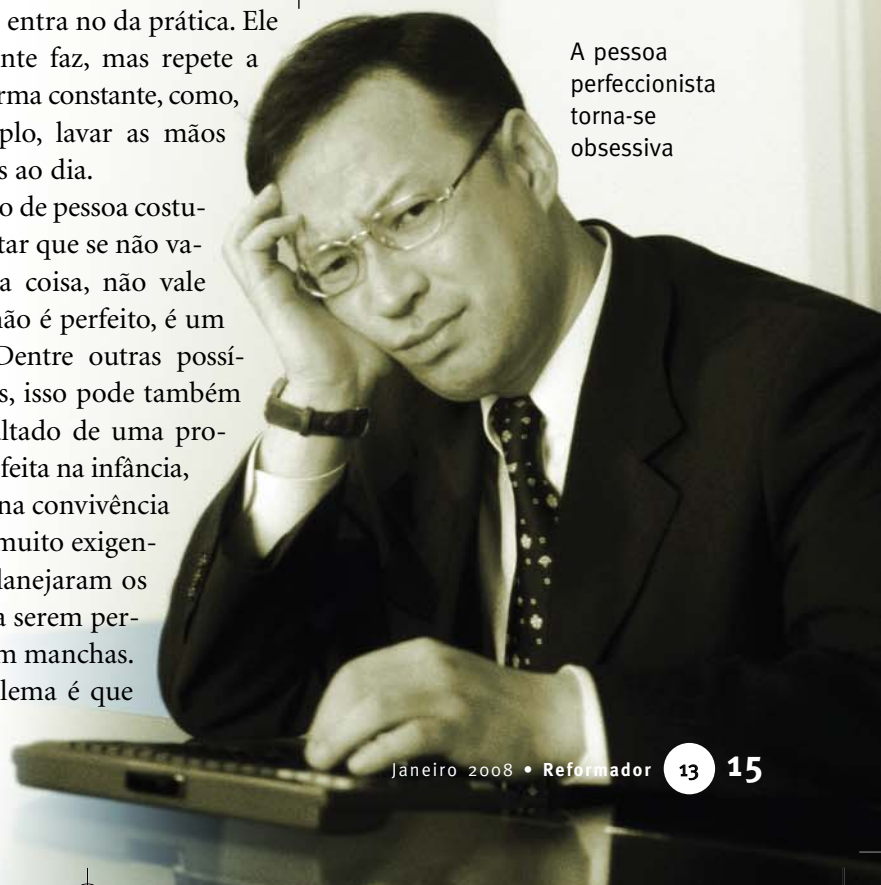
Esse tipo de pessoa costuma acreditar que se não valer alguma coisa, não vale nada. Se não é perfeito, é um fracasso. Dentre outras possíveis causas, isso pode também ser o resultado de uma programação feita na infância, com base na convivência com pais muito exigentes, que planejaram os filhos para serem perfeitos e sem manchas.

O problema é que

o resultado final do perfeccionismo nunca é bom. É difícil encontrar alguém com esse perfil que se sinta satisfeito com o resultado final de algo que fez. Para ele, o feito poderia sempre ter ficado melhor, e essa consciência não o deixa ser integralmente feliz.

•
Para mexer na estrutura psíquica do perfeccionista, é preciso

A pessoa perfeccionista torna-se obsessiva





Felicidade é o resultado de uma relação sincera da pessoa com seus talentos

mudar uma crença básica dele, a de que seu valor é medido por seu desempenho e que os erros que comete diminuem a admiração que os outros têm por ele.

No fundo, a autocobrança pela eficácia absoluta é tão feroz que ele se torna concorrente severo de si mesmo, e quando chega nesse estágio, fica difícil que não mergulhe na incapacidade de ser tranqüilo e de se desculpar pelos deslizes naturais de pessoa imperfeita, que é.

Não há outra saída, senão a pessoa tornar-se consciente dos efeitos perversos do cativeiro em que se envolveu. Vulnerabilidade e experiências de aprendizado, em que errar é permitido, fazem parte de qualquer conquista e amadurecimento.

De acordo com a opinião de Emmanuel, “Deus permitiu que as quedas d’água existissem para que percebêssemos quanta força e renovação podemos extrair de nossas próprias quedas”. (*Companheiro*. 23. ed. IDE, cap. 12.)

Felicidade é o resultado de uma relação sincera da pessoa com seus

talentos e possibilidades de mudança. Cada um dá o que pode, com os recursos que tem à disposição no momento. O mais pode vir por acréscimo, se for da vontade superior, desde que os empenhos da criatura favoreçam o seu e o crescimento da comunidade a que pertence.

Todo erro faz parte do processo de aprendizagem. O único fracasso integral é aquele com o qual nada se aprende. Por isso, os sábios costumam dizer que o caminho se faz ao caminhar, e que ser feliz é resultado de um crescimento gradual, seguro e progressivo, bem diferente da perfeição instantânea, em que alguns acreditam, mas que nunca conseguem atingir. ■

Caracteres da perfeição

Pois que Deus possui a perfeição infinita em todas as coisas, esta proposição: “Sede perfeitos, como perfeito é o vosso Pai celestial”, tomada ao pé da letra, pressuporia a possibilidade de atingir-se a perfeição absoluta. Se à criatura fosse dado ser tão perfeita quanto o Criador, tornar-se-ia ela igual a este, o que é inadmissível. Mas, os homens a quem Jesus falava não compreenderiam essa nuança, pelo que ele se limitou a lhes apresentar um modelo e a dizer-lhes que se esforçassem pelo alcançar.

Aquelas palavras, portanto, devem entender-se no sentido da perfeição relativa, a de que a Humanidade é suscetível e que mais a aproxima da Divindade. Em que consiste essa perfeição? Jesus o diz: “Em amarmos os nossos inimigos, em fazermos o bem aos que nos odeiam, em orarmos pelos que nos perseguem”. Mostra ele desse modo que a essência da perfeição é a caridade na sua mais ampla acepção, porque implica a prática de todas as outras virtudes.

Allan Kardec

Fonte: *O evangelho segundo o espiritismo*. 127. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. XVII, item 2.

Capa

Revista Espírita

Laboratório de Allan Kardec

— 150 anos! —

EVANDRO NOLETO BEZERRA

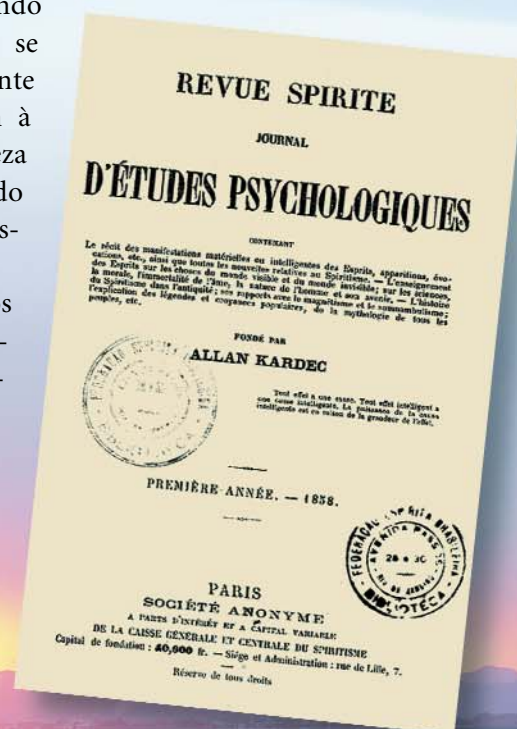
O grande sucesso de *O Livro dos Espíritos*, lançado em Paris no dia 18 de abril de 1857, tirou do anonimato o missionário encarregado pela Providência Divina de materializar entre os homens a promessa de Jesus de ficar eternamente conosco.

É possível que o próprio Allan Kardec se tivesse surpreendido com a extraordinária repercussão causada por aquele *livrinho* de apenas 176 páginas, cujo texto, distribuído em duas colunas e dividido em 24 capítulos, continha 501 perguntas e respostas, acrescidas das notas com que o Codificador as enriqueceu. As razões do sucesso? o fato de que “[...] todas as grandes questões de metafísica e de moral ali estão elucidadas da maneira mais satisfatória; todos os grandes problemas ali são resolvidos, mesmo aqueles que os mais ilustres filósofos não puderam resolver [...]”¹

É natural, portanto, que o êxito suscitado pela divulgação das idéias novas provocasse uma enxurrada de cartas dirigidas a Kardec, a maioria interrogando o Codificador sobre este ou aquele ponto de doutrina, embora algumas lhe relatassem os *insólitos* fenômenos espíritas que despontavam em toda parte, exigindo a sua explicação. E, como se não bastasse, o fluxo crescente de visitantes que acorriam à sua casa, inclusive da nobreza local e estrangeira, ansiando por esclarecimentos mais substanciais.

A princípio reticentes, os jornais parisienses começaram a veicular artigos furibundos, verdadeiras diatribes contra a doutrina nascente, não poupando sequer a honra e a vida privada do Codificador, demonstrando, em sua maior parte,

completa ignorância dos postulados espíritas contra os quais se rebelavam. É que vislumbravam uma nova ordem de coisas, capaz, quem sabe, de fazer desmoronar o pedestal em que se entronizavam. Como Jesus, o Espiritismo vinha proclamar uma doutrina que solapava pela base os abusos de que



¹Com ligeiras modificações, este artigo foi publicado originalmente na revista *A Reencarnação*, órgão oficial da FERGs. Ano LXXI, n. 428, 2º semestre de 2004.

Fronstispício da primeira edição da *Revista Espírita*

Capa

viviam os fariseus, os escribas e os sacerdotes de seu tempo. Assim, importava silenciá-lo o quanto antes no seu nascedouro, antes que se propagasse e conquistasse a preferência da população, já cansada das religiões dogmáticas.

Naquela época, a Europa só dispunha de um único jornal dedicado à divulgação do Espiritismo, e mesmo assim em Genebra, longe do burburinho de Paris e praticamente fora do alcance dos leitores da Cidade Luz, contrariamente ao que ocorria nos Estados Unidos, favorecidos com dezessete jornais consagrados ao Espiritualismo.

Foi quando Allan Kardec se deu “[...] conta da imperiosa necessidade de criar uma folha que periodicamente pusesse os estudiosos dos fenômenos espíritas a par do que se passava no mundo e os instrísse de modo ordenado sobre as mais variadas questões doutrinárias [...] a despeito de lhe faltar o tempo necessário para semelhante empreendimento, considerando-se os seus afazeres pessoais, inclusive os voltados para a própria subsistência”.²

A tarefa não era fácil e implicava gastos de certa gravidade. A princípio Kardec procurou alguém que pudesse patrocinar a obra, colaborando financeiramente para que ela viesse à luz, mas razões providenciais fizeram com que não lograsse o êxito desejado. Mesmo assim, diz ele:

Apressei-me a redigir o primeiro número e fi-lo circular a

1º de janeiro de 1858, sem haver dito nada a quem quer que fosse. Não tinha um único assinante e nenhum fornecedor de fundos. Publiquei-o correndo eu, exclusivamente, todos os riscos e não tive de que me arrepender, porquanto o resultado ultrapassou a minha expectativa. A partir daquela data, os números se sucederam sem interrupção e [...] esse jornal se tornou um poderoso auxiliar meu [...].³

Logo na “Introdução” do primeiro fascículo da *Revista Espírita*, Allan Kardec estabeleceu claramente as diretrizes que norteariam sua atuação à frente daquele periódico:

[...] como nosso fim é chegar à verdade, acolheremos todas as observações que nos forem dirigidas e tentaremos, tanto quanto no-lo permita o estado dos conhecimentos adquiridos, dirimir as dúvidas e esclarecer os pontos ainda obscuros. Nossa Revista será, assim, uma tribuna livre, em que a discussão jamais se afastará das normas da

mais estrita conveniência. Numa palavra: discutiremos, mas não *disputaremos*. As inconveniências de linguagem nunca foram boas razões aos olhos das pessoas sensatas [...].⁴

Do ponto de vista da apresentação, a *Revista Espírita* “manteve as características das publicações científicas; circulava entre subscritores e a venda pública, semelhante a seus colegas do século XIX, era facultativa dos livreiros e dos escritórios postais. Impressa em papel-jornal, contava com 32 páginas, caderninhos de duas colunas em oitava; seu tamanho era de 23,5x15cm, com peso estimado em trinta gramas. As páginas estavam compostas por quarenta linhas impressas em corpo doze; sua apresentação era rústica, com capas de papel”.⁵

No final de cada ano os fascículos correspondentes eram reunidos, formando uma coleção de exemplares encadernados, com capa especial e índice alfabético. É da responsabilidade direta de Allan Kardec a publicação de todos os fascículos, desde o primeiro, que circulou em 1º de janeiro de 1858, até o que foi dado a lume em abril de 1869, uma vez que já se achava

Capa

composto quando da desencarnação do mestre, ocorrida no mês anterior. Isto não significa que a tenha redigido sozinho, pois “[...] a *Revista* contou com a colaboração de centenas de participantes, encarnados e desencarnados, franceses e de outras nações, dentre os quais cientistas, literatos, filósofos, religiosos e homens do povo, cada qual ajudando a lançar, na sua respectiva esfera de ação, os alicerces sobre os quais se ergueria o portentoso edifício do Espiritismo”.⁶

Quando lançou a *Revista Espírita*, em 1858, Allan Kardec ainda tinha pela frente a publicação de *O que é o Espiritismo* (1859), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865) e *A Gênese* (1868). Ainda estariam por ser publicados alguns opúsculos: *O Espiritismo na sua expressão mais simples* (1862), *Via-gem Espírita em 1862* (1862), *Resumo da lei dos fenômenos espíritas* (1864), *Caracteres da Revelação Espírita* (1868), sem falar da *Instrução prática das manifestações espíritas* (1858), livro de maior porte, substituído três anos mais tarde por *O Livro dos Médiuns*, muito mais abrangente e metódico. Era todo um campo a pesquisar, idéias a desenvolver e a

amadurecer, conceitos a serem validados pelo critério infalível da concordância e da universalidade do ensino dos Espíritos, antes de serem incorporados ao patrimônio da Doutrina Espírita. Havia, pois, necessidade de um laboratório *experimental*, onde tudo isto pudesse ser testado com segurança, sem açodamento.

Ora, a *Revista Espírita* foi esse laboratório inestimável, espécie de tribuna livre, utilizada por Allan Kardec para sondar a reação dos homens e a impressão dos Espíritos acerca de determinados assuntos, ainda hipotéticos ou mal-compreendidos, enquanto lhes aguardava a confirmação. E tanto isto é verdade que a maioria das idéias desenvolvidas nas obras da Codificação foram esboçadas previamente na *Revista Espírita* e, até mesmo, transcritas literalmente, sobretudo em *O Céu e o Inferno* e em *A Gênese*.

É importante que se tenha em mente que a *Revista Espírita* é uma obra subsidiária, complementar da Doutrina Espírita e, como tal, deve ser lida com espírito crítico, especialmente no que concerne a certas teorias científicas e a algumas opiniões isoladas, de caráter filosófico. Sua moral é inatacável, pois, baseando-se na do Cristo, não suscita dupla interpre-

tação, por ser “[...] terreno onde todos os cultos podem reunir-se, estandarte sob o qual podem todos colocar-se, quaisquer que sejam suas crenças, porquanto jamais ele constituiu matéria das disputas religiosas, que sempre e por toda a parte se originaram das questões dogmáticas [...]”.⁷

Pelas próprias características com que se apresentava – *Jornal de Estudos Psicológicos* –, pelos assuntos abordados, riquíssimos em fatos da fenomenologia mediúnica, e pela possibilidade das réplicas e tréplicas a que seus artigos davam margem, o estilo da *Revista Espírita* é, necessariamente, leve e agradável, vazado em linguagem simples e acessível aos não iniciados, apresentando as matérias de forma clara e objetiva, sem tergiversações de qualquer natureza. Enfim, aquele mesmo estilo que tanto apreciamos nas obras básicas da Codificação Espírita, capaz de agradar a todas as camadas da sociedade, desde a gente humilde, que trabalhava nas oficinas suburbanas, até os intelectuais mais exigentes da aristocracia parisiense.

A bem da verdade, a *Revista Espírita* não tinha um padrão editorial claramente definido. Em outras palavras, suas seções eram muito variadas e por vezes sofriam solução de continuidade. Entretanto, não é difícil perceber certa uniformidade na temática abordada nos diferentes fascículos, notadamente os relacionados com os ditados mediúnicos, as conversas familiares de

Capa

além-túmulo, as dissertações espíritas, as evocações particulares e as notas bibliográficas, praticamente comuns a todos eles. As poesias mediúnicas também mereceram generosa acolhida na *Revista*, não tanto pelo seu valor doutrinário, mas como prova de que os médiuns, mesmo os menos instruídos, eram capazes de receber, de um jacto, produções de grande fôlego, com perfeita observância das regras da versificação, as quais em nada desmereciam as ilustres personagens que as assinaram.

Como se tratava de um periódico mensal, muitas vezes Allan Kardec transcrevia artigos e notícias de jornais, nacionais e estrangeiros, sobre os mais variados assuntos, desenvolvendo-os e correlacionando-os com os postulados espíritas. Isto emprestava à *Revista* um caráter de perene atualidade, identificando-a com os problemas e as preocupações da Paris do Segundo Império. Suicídio, epidemias, pena de morte, duelos, assassinatos, nada escapou à argúcia do Codificador, que deles se aproveitava para edificar os leitores, por meio de comentários judiciosos e oportunos. Quantos Espíritos desencarnados foram evocados a partir de referências extraídas dos jornais, brindando os leitores da *Revista Espírita* com o testemunho da sua própria experiência! Muitos detalhes de toda ordem, até então inimagináveis sobre a vida de além-túmulo – ainda não dispúnhamos das obras de André Luiz – foram reve-

lados inopinadamente por esses repórteres do mundo espiritual e estampados no *Jornal de Estudos Psicológicos* de Allan Kardec.

A *Revista Espírita* põe a nu a intimidade do Codificador do Espiritismo, no-lo revelando tal qual se mostrava em sua vida privada, real, verdadeira, autêntica, sem laivos de santidade e sem se afastar do comum dos mortais. Pois jamais se disse ou se impôs como missionário, como predeterminado de uma *Revelação* que, sem ele, não chegaria aos deserdados da Terra; sabia que os desígnios divinos não se assentam na cabeça de um homem; estava, enfim, convicto de que a Doutrina Espírita não era dele, mas dos Espíritos, essas grandes vozes dos Céus que, nos tempos preditos, vinham restabelecer todas as coisas, “[...] dissipar as trevas, confundir os orgulhosos e glorificar os justos”.⁸

No ano do sesquicentenário do lançamento da *Revista Espírita*, nada mais justo do que conhecer a alma de Allan Kardec, gozar de sua intimidade, acompanhar passo a passo a marcha do Espiritismo nascente, as dificuldades na sua implantação, as lutas que teve de vencer a fim de fincar as balizas de uma *Nova Era* para a regeneração da Humanidade. E essa epopéia sem par, essa trajetória admirável, escrita em caracteres irrecusáveis, está toda inteira nas páginas da *Revista Espírita*, nessa coletânea de doze volumes, patrimônio inalienável dos espíritas do mundo inteiro, que mere-

ce ser lida, meditada e amada, como tudo que saiu da pena daquele que renasceu na França “[...] aos 3 de outubro de 1804, com a sagrada missão de abrir caminho ao Espiritismo, a grande voz do Consolador prometido ao mundo pela misericórdia de Jesus-Cristo”.⁹ ■

Referências:

¹WANTUIL, Zêus; THIESEN, Francisco. *Allan Kardec: pesquisa biobibliográfica e ensaios de interpretação*. v. II. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1996. Cap. 1, item 7, p. 81 e 83.

²KARDEC, Allan. *Revista espírita: jornal de estudos psicológicos*. Ano I (1858). 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. “Apresentação da FEB”, p. 13.

³_____. *Obras póstumas*. 40. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Segunda parte, “A minha primeira iniciação no Espiritismo”, p. 326.

⁴_____. *Revista espírita: jornal de estudos psicológicos*. Ano I. Janeiro de 1858. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. “Introdução”, p. 23-24.

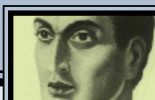
⁵BARRERA, Florentino. *Prontuário crítico das obras de Allan Kardec*. Tradução de David Caparelli. São Paulo: Madras Editora, 2003. p. 147.

⁶KARDEC, Allan. *Revista espírita: jornal de estudos psicológicos*. Ano I (1858). 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. “Apresentação da FEB”, p. 15.

⁷_____. *O evangelho segundo o espiritismo*. 127. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. “Introdução”, item I, p. 23.

⁸*Idem, ibidem*. “Prefácio”, p. 21.

⁹XAVIER, Francisco C. *A caminho da luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 36. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. XXII, item “Allan Kardec”, p. 194.



Esflorando o **Evangelho**

Pelo Espírito **Emmanuel**

Esperança

“Porque tudo que dantes foi escrito, para nosso ensino foi escrito, para que pela paciência e consolação das Escrituras tenhamos esperança.”

— PAULO. (ROMANOS, 15:4.)

A esperança é a luz do cristão.

Nem todos conseguem, por enquanto, o vôo sublime da fé, mas a força da esperança é tesouro comum.

Nem todos podem oferecer, quando querem, o pão do corpo e a lição espiritual, mas ninguém na Terra está impedido de espalhar os benefícios da esperança.

A dor costuma agitar os que se encontram no “vale da sombra e da morte”, onde o medo estabelece atritos e onde a aflição percebe o “ranger de dentes”, nas “trevas exteriores”, mas existe a luz interior que é a esperança.

A negação humana declara falências, lavra atestados de impossibilidade, traça inextricáveis labirintos, no entanto, a esperança vem de cima, à maneira do Sol que ilumina do alto e alimenta as sementeiras novas, desperta propósitos diferentes, cria modificações redentoras e descerra visões mais altas.

A noite espera o dia, a flor o fruto, o verme o porvir... O homem, ainda mesmo que se mergulhe na descrença ou na dúvida, na lágrima ou na dilaceração, será socorrido por Deus com a indicação do futuro.

Jesus, na condição de Mestre Divino, sabe que os aprendizes nem sempre poderão acertar inteiramente, que os erros são próprios da escola evolutiva e, por isto mesmo, a esperança é um dos cânticos sublimes do seu Evangelho de Amor.

Imensas têm sido, até hoje, as nossas quedas, mas a confiança do Cristo é sempre maior. Não nos percamos em lamentações. Todo momento é instante de ouvir Aquele que pronunciou o “Vinde a mim...”

Levantemo-nos e prossigamos, convictos de que o Senhor nos ofereceu a luz da esperança, a fim de acendermos em nós mesmos a luz da santificação espiritual.

Fonte: XAVIER, Francisco C. *Vinha de luz*. Ed. especial. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 75, p. 165-166.

Seminário

“Pelos Caminhos da Evangelização” na FEB-Rio

A Casa de Ismael, no Rio de Janeiro, acolheu, em 20 de outubro, cerca de 300 adeptos, que ali acorreram para o seminário a cargo de Cecília Rocha, vice-presidente da Federação Espírita Brasileira (FEB), em torno do tema “Pelos Caminhos da Evangelização”, compondo ainda a Mesa dos trabalhos os confrades Aloísio Ghiggino e Darcy Neves Moreira, diretores respectivamente da Área de Unificação e da Área de Educação Espírita do Conselho Espírita do Estado do Rio de Janeiro (CEERJ).

Apoiada em sua longa e fecunda atividade no campo da evangelização da infância e da juventude, Ce-



Aspecto parcial do público na Sede Seccional da Av. Passos

cília Rocha conduziu a todos, com simplicidade e profundidade, pelos caminhos que levam a alma humana a uma de suas mais belas conquistas: a educação nos princípios do Evangelho à luz da Doutrina Espírita.

Assuntos como: Bases filosófico-doutrinárias da Evangelização Espírita; Importância da reencarnação no processo educativo; Bases do programa de Evangelização Espírita; Currículo de Ensino; e Evangelização Espírita na preparação da Sociedade do Mundo de Regeneração, trouxeram, na palavra fluente e agradável de Cecília Rocha, lições oportunas principalmente a um

grande número de evangelizadores presentes, dando, por consequência, ensejo a diversas questões que, formuladas à expositora, resultaram em sólidos esclarecimentos.

Além dos objetivos específicos, definidos para o seminário, visou-se, com o encontro, estimular a urgente tarefa de evangelização de crianças e jovens como objeto primordial na programação de atividades de todas as casas espíritas, tanto no Estado do Rio de Janeiro como no País.

Foi, sem dúvida alguma, mais um belo fruto da feliz parceria entre a FEB e o CEERJ, que se vem desenvolvendo ao longo do corrente ano, quando se homenageia o Sesquicentenário da publicação de *O Livro dos Espíritos*. ■



Cecília Rocha fala ao público

Lições práticas de humildade para todas as idades

“Bem-aventurados os pobres de espírito, pois que deles é o reino dos céus.”
(Mateus, 5:3.)

CLARA LILA GONZALEZ DE ARAÚJO

O capítulo VII, de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, fala-nos da necessidade de sermos *simples de coração e humildes de espírito*, sendo preferível o ignorante, possuidor dessas qualidades, ao sábio que mais crê em si do que em Deus.¹

São orientações valiosas e que buscam nos sensibilizar para algo fundamental: o de que não devemos ter nenhuma pretensão à superioridade ou à infalibilidade. A propósito, explica Allan Kardec que Jesus “toma uma criança como tipo da simplicidade de coração”,² afirmando aos seus discípulos que “será maior no reino dos céus aquele que se humilhar e se fizer pequeno como uma criança”.²

Difícil, porém, é a compreensão desses preceitos de como nos tornar pobres de espírito, para vencermos o *homem orgulhoso* que ainda somos. De que maneira aplicar, no cotidiano, esses ensinamentos que nos possibilitam a conquista de va-

lores espirituais, mesmo que tenhamos, na presente encarnação, poucas condições para isso?

A par desse problema os Benfeitores espirituais buscam esclarecer-nos, servindo-se de argumentos especialmente utilizados na interpretação de situações, reais e imaginárias, a partir de exemplos ricos e variados, que permitem, facilmente, à criança, ao jovem e ao adulto, a assimilação de conceitos, teóricos e práticos, que tenham o mesmo sentido.

O filósofo Chaïm Perelman (1912-1984) utiliza a retórica aristotélica para fundamentar certas técnicas discursivas e propõe a Teoria da Argumentação como arte de persuadir as pessoas para que possam compreender o que está sendo transmitido. Identifica esta nova retórica como a *teoria geral do discurso persuasivo*, que visa ganhar a adesão, tanto intelectual como emotiva, de uma ou várias pessoas. Em seus estudos destaca que a utilização de um certo núme-

ro de exemplos, da mesma natureza, não pode deixar dúvida alguma no espírito do leitor e lhe permite ter idéia clara e mais abrangente de como interpretar, na prática, as orientações conceituais e teóricas de certos conhecimentos.³

Da mesma forma, graças a esse artifício de linguagem, parecerá absolutamente natural, aos autores espirituais, servirem-se de modelos e metáforas que forneçam exemplos valiosos e que ilustrem vivências, a partir da descrição de casos interessantes, que estejam relacionados entre si e que facilitem nosso entendimento de como agir no exercício diário para aquisição de qualidades morais que demoramos em adquirir.

Sobre a *prática da humildade*, destacamos, especialmente, duas histórias elaboradas de forma retórica simples, de onde se consegue extrair excelentes efeitos morais das mensagens que salientam sobre o papel essencial dessa

virtude ou em nossas vidas. Apresentamo-las, resumidamente, a seguir.

A primeira delas é do Espírito Irmão X e tem como título “O burro manco”.⁴ A história, do estimado escritor espiritual, passa-se em um Centro Espírita. Em resposta às indagações de alguns trabalhadores de atividades mediúnicas, dada por um dos Mentores espirituais da Casa, Irmão Gustavo, é narrado o seguinte episódio:

Certo médico, do interior de São Paulo, da cidade de Ribeirão Preto, no início do século XX, necessitou fazer uma viagem para a cidade vizinha, de São Joaquim da Barra, pois lá estava uma senhora, sua paciente, prestes a dar à luz. “Nesse tempo [conta o narrador], as viagens de carro eram muito raras e o animal de sela era o nosso melhor veículo”. Infelizmente, ao visitar outro paciente, em um sítio distan-

te da cidade onde residia, seu cavalo adoeceu e o médico apressou-se em procurar outro animal que lhe permitisse socorrer a senhora. Dirigiu-se à procura de um proprietário de excelentes animais, a quem conhecia. Entretanto, o amigo informou-o de que só possuía cavalos árabes, de imenso valor, e não podia concordar em colocá-los na estrada com a obrigação de servir a cavaleiros. Recorre, então, o médico, a outro amigo, que também alegou possuir manga-largas de puro sangue e alto preço, e não poderia prejudicá-los colocando-os na estrada. O médico, já desanimado, lembrou-se de um de seus pacientes, de nome Tonico Jenipapo, homem simples, que possuía pequena propriedade, e foi procurá-lo em sua humilde casa. Tonico não teve dúvida e trouxe do quintal um asno arrepiado e o apresentou ao Doutor: “[...] este burro é manco e lerdo, mas, se ele serve...” Sem mais conversa, o animal foi arreado e, “agüentando espora e taca, tropeçando e manquitolando”, o burro colocou o médico nas ruas de São Joaquim, para o desempenho do seu dever, a que atendeu com absoluto êxito.

A história reflete a preocupação de Irmão X em mostrar ao leitor a necessidade de recorrermos às coisas mais simples, geralmente não valorizadas, que muitas vezes permitem encontrar as soluções mais eficazes. A lição, transmitida pela narrativa, leva-nos a pensar sobre a nossa própria conduta: o burrico, nesse caso, torna-se

símbolo de humildade, obediência e disciplina, e contribui para a realização de tarefa tão nobre, como a de levar o médico ao seu destino a fim de socorrer sua paciente. Ao enaltecer o limitado animal, o autor destaca a importância do trabalho feito por ele, comparando-o aos outros animais de montaria, considerados saudáveis, garbosos e caros, mas petulantes e enfatuados, sem nada fazerem de benéfico. Isso demonstra que o orgulho não só oblitera certas inteligências como as impossibilita de praticar o bem.

A segunda história, em livro infantil, é contada pelo Espírito Neio Lúcio (2007), e seu título, *O Burro de Carga*,⁵ tem relação com a primeira narrativa, assemelhando-se os dois contos em diversos pontos. Narra, o citado Espírito, que no tempo em que não havia automóveis, na cocheira de um palácio real um burro de carga, de pêlo maltratado e com fundas cicatrizes no lombo, de olhar tristonho e humilde, sentia imensa amargura pela forma como era tratado por seus companheiros de moradia. Era humilhado pelos demais equinos, que incessantemente o maltratavam com zombarias e chaco-tas. Ali havia cavalos admirados por toda gente, especialmente para as corridas, e até um jumento espanhol que geralmente não reconhecia o burro como um parente próximo, chamando-o de fraco e inútil. O infeliz asno recebia os sarcasmos resignadamente.

Certo dia, o rei solicitou ao chefe das cavaliarias: “Preciso de um animal para uma tarefa de grande



responsabilidade. Quero que ele seja dócil e educado, que mereça minha absoluta confiança”. O cavaleiro, em resposta ao soberano, apressou-se em selecionar um bom animal e ofereceu-lhe: o cavalo de raça árabe; o potro de linhagem inglesa; o cavalo húngaro; e o jumento bem tratado. O rei a todos rechaçou, avaliando-os como insubmissos, inquietos, bravios, manhosos, sem educação, e não serviriam para levar, em nome dele, uma carga preciosa que seria enviada em longa viagem. O burro de carga, então, foi trazido a pedido do soberano, que mandou ajacizá-lo com as armas de sua Casa Real e confiou-lhe, carinhosamente, o filho, ainda criança, para ser carregado pelo humilde animal.

Na opinião de Neio Lúcio “[...] somente nos prestam serviços de utilidade real aqueles que já aprenderam a suportar, servir e sofrer, sem cogitar de si mesmos”.⁶

As duas histórias são parecidas, em certos aspectos, e destacam, especialmente, os exemplos transmitidos pelos pobres animais, como a nos orientar para a necessidade de adquirirmos humildade qual fruto de uma perseverante conquista e de certo estado de elevação da alma: aqueles que agem humildemente são despidos de orgulho e vaidade, reconhecem que tudo devem a Deus e, nada possuindo de si mesmos, carregam seus fardos em meio às injúrias e perseguições, confiando, porém, na Providência Divina.

Infelizmente, para muita gente, a moral cristã não passa da esfera do entendimento, da região pura-



Capas dos livros citados pela autora

mente mental; jamais atinge o sentimento, a zona do coração.

Diz o Espírito Vinícius (1979) que:

O orgulho, sob seus aspectos multiformes, é a grande pedra de tropeço da Humanidade. [...] Daí a origem de todos os atritos, dissídios e odiosidades que mantêm os homens em atitude de mútuas hostilidades.⁷

Jesus deu-nos os maiores e mais significativos exemplos de humildade, ensinando-nos que não é possível evoluir sem possuir humildade de espírito. Em uma de suas passagens, registradas pelos evangelistas Mateus (21:1-11); Marcos (11:1-11) e Lucas (19:28-44), o manso Nazareno entra em Jerusalém montado em um jumentinho, representando a cena do enaltecimento da santa humildade que abrande e purifica os corações, desarma os poderosos e fortalece os que suportam as inevitáveis provas e expiações a serem vividas em suas experiências reencarnatórias.

Nossos Mentores espirituais, por meio de simples narrativas, expressam, de forma talentosa, para todas as idades, as delicadas lições de amor que iluminam nossas mentes e nos abrem os caminhos das virtudes, os quais só podem ser perlustrados pelos verdadeiramente humildes. ■

Referências:

- ¹ e ² KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. 24. ed. de bolso. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. VII, itens 2 e 6.
- ³ PERELMAN, Chaïm. *O império retórico*. Porto (Portugal): Edições Asa, 1993. p. 5-11; 119-126.
- ⁴ XAVIER, Francisco C. *Estante da vida*. Pelo Espírito Irmão X. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 24, p. 112.
- ⁵ _____. *O burro de carga*. Coleção: A Vida Fala. Pelo Espírito Neio Lúcio. Organizado por Rute Vieira Ribeiro. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
- ⁶ _____. *Alvorada cristã*. Pelo Espírito Neio Lúcio. 14. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 10, p. 51.
- ⁷ VINÍCIUS. *Em torno do mestre*. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1979. “Humildes de espírito”, p. 150.

A energia divina

RICHARD SIMONETTI

O português João de Brito, ou São João de Brito (1647-1693), venerável vulto do Cristianismo, seguiu os caminhos de Paulo de Tarso. Foi grande divulgador da mensagem cristã na Ásia. Converteu multidões com sua bondade e dedicação aos valores do Evangelho.

Morreu decapitado na cidade de Urgur, na Índia, onde pregava o Evangelho. Quando lhe comunicaram a execução, alegrou-se, porque iria morrer a serviço de Jesus. Expirou tranqüilamente, rendendo graças a Deus pela honra de testemunhar sua crença.

É consagrado como o patrono dos pioneiros, aqueles que desbravam horizontes, que enfrentam o desconhecido em favor do progresso humano.

No livro *Falando à Terra*, por Espíritos diversos, psicografia de Francisco Cândido Xavier, edição FEB, há uma mensagem dele, que transcrevo, uma surpreendente e notável dissertação a respeito do Amor:

O Amor, sublime impulso de Deus, é a energia que move os mundos:

Tudo cria, tudo transforma, tudo eleva.

Palpita em todas as criaturas.

Alimenta todas as ações.

O ódio é o Amor que se envenena.

A paixão é o Amor que se incendia.



Capa do livro *Falando à Terra*, editado pela FEB

O egoísmo é o Amor que se concentra em si mesmo.

O ciúme é o Amor que se dilacera.

A revolta é o Amor que se transvia.

O orgulho é o Amor que enlouquece.

A discórdia é o Amor que divide.

A vaidade é o Amor que se ilude.

A avareza é o Amor que se encarcera.

O vício é o Amor que se embrutece.

A crueldade é o Amor que tiraniza.

O fanatismo é o Amor que petrifica.

A fraternidade é o Amor que se expande.

A bondade é o Amor que se desenvolve.

O carinho é o Amor que se enflora.

A dedicação é o Amor que se estende.

O trabalho digno é o Amor que se aprimora.

A experiência é o Amor que amadurece.

A renúncia é o Amor que se ilumina.

O sacrifício é o Amor que se santifica.

O Amor é o clima do Universo.

É a religião da vida, a base do estímulo e a força da Criação.

Ao seu influxo, as vidas se agrupam, sublimando-se para a imortalidade.

Nesse ou naquele recanto isolado, quando se lhe retire a influência, reina sempre o caos.

*Com ele, tudo se aclara.
Longe dele, a sombra se coagula
e prevalece.*

*Em suma, o bem é o Amor que se
desdobra, em busca da Perfeição no
Infinito, segundo os Propósitos Di-
vinos; e o mal é, simplesmente, o
Amor fora da Lei.*

Imaginemos o Amor como
sendo a eletricidade do Universo,
a mover os mundos e sustentar os
seres.

Podemos utilizá-la para o Bem
ou para o Mal, dependendo de
como a transformamos, moldan-
do-a, de conformidade com nos-
sas tendências e impulsos.

Se a represamos ou mal utiliza-
mos, comprometemos nossa estabi-
lidade e nos habilitamos a dolorosas
experiências, como uma casa onde
um curto-circuito na instalação elé-
trica provoca incêndio devastador.

É de se ver se nossos males, nos-
sas angústias, não serão a mera
consequência do Amor transviado.

•

Quando analisamos esse mara-
vilhoso texto, entendemos por
que Jesus proclamou (Mateus,
22:34-40) que a Lei e os Profetas,
tudo o que está no Velho Testa-
mento pode ser resumido em
duas atitudes fundamentais:

*O Amor a Deus acima de todas
as coisas e ao próximo como a nós
mesmos.*

No desdobramento de seu apos-
tolado, nos seus sacrifícios, na sua

renúncia, nos seus exemplos, o
Mestre foi todo Amor.

Por Amor deixou as regiões
celestes e mergulhou na matéria
densa.

Por Amor, podendo nascer em
palácio, preferiu uma estrebaria, a
fim de estar mais perto dos sofre-
dores de todos os matizes.

Por Amor curou multidões de
males do corpo e da alma.

Por Amor ensinou e reiterou,
incansavelmente, suas lições, mos-
trando os caminhos para Deus.

Por Amor compadeceu-se dos
pecadores de todos os matizes,
ensinando que ninguém tem o di-
reito de atirar a primeira pedra,
porque não há ninguém sem pe-
cado na Terra.

Por Amor relevou as vacilações
dos próprios discípulos e não dei-
xou de ampará-los, mesmo de-
pois de ser abandonado por eles.

Por Amor, na cruz,
cercado pela multi-
dão inconsequente

O amor a Deus
acima de todas
as coisas e ao
próximo como a
nós mesmos

que o agredia com impropérios,
pediu a Deus que a todos per-
doasse, porquanto não sabiam o
que estavam fazendo.

Por isso o Mentor espiritual
que assistia Kardec, na preparação
de *O Livro dos Espíritos*, proclama,
na questão 625, que Jesus é a maior
figura da Humanidade.

•

Em *O Evangelho segundo o Es-
piritismo*, capítulo VI, item 5, diz
o Espírito de Verdade:

*Espíritas, amai-vos, este o pri-
meiro ensinamento; instruí-vos, es-
te o segundo.*

Espíritos superiores, como João
de Brito, já conquistaram o Amor
em plenitude. A capacidade de ca-
nalizá-lo para o Bem lhes é inata.
Nós outros, iniciantes no assunto,



lidamos muito mal com ele e acabamos nos comprometendo.

Daí a necessidade de buscar instrução. É com o conhecimento que iremos aprendendo a canalizar a energia do Amor para as realizações mais nobres, sem desvios.

O texto de João de Brito brilharia em qualquer manual de bem viver.

Destaque especial para a afirmativa:

A fraternidade é o Amor que se expande.

Diríamos o Amor que conta-gia, que sensibiliza, que transforma, que converte.

Uma das experiências humanas mais belas e comoventes que tive a felicidade de ver, na televisão, estava vinculada a uma mensagem institucional sobre a fraternidade.

Trata-se da história de um adolescente rebelde que passou por várias instituições correccionais, sempre dando muito trabalho.

Uma senhora dispôs-se a acolhê-lo em seu lar, oferecendo-lhe a oportunidade de uma vida nova, decente e digna.

Ele logo aprontou. Abriu todas as torneiras da casa quando ela se ausentou, provocando pequena inundação.

Extravasava, irracionalmente, as perturbações que o desorientavam, sem sequer cogitar de que seria remetido de volta a uma daquelas instituições que odiava.

Para sua surpresa, ao tomar conhecimento dos estragos produzidos, a senhora apenas o abraçou com carinho, dizendo:

– Ah! Meu filho, quanto mal lhe fizeram!

A partir dali ele foi outra pessoa. Hoje é conceituado professor que cuida de adolescentes rebeldes, empregando o mesmo recurso que a senhora usou com ele – o abençoado Amor que se expande na fraternidade, capaz de compreender e ajudar.

Há muito a aprender, habilitando-nos a jamais represar ou

mal utilizar a energia divina nos desvios do egoísmo.

Canalizando-a no empenho do Bem, acenderemos luzes ao nosso redor, a iluminar as pessoas e a nós mesmos, realizando-nos como filhos verdadeiros de Deus.

Enquanto não o fizermos, estaremos descumprindo a vontade de Deus e nos candidatando a incursões pelos domínios do desatino, do vício, da irresponsabilidade, nos desvios do mal, o Amor fora da lei, como diz sabiamente João de Brito. ■

Retorno à Pátria Espiritual

Honório Onofre de Abreu

Desencarnou em Belo Horizonte (MG), no dia 13 de novembro de 2007, o confrade Honório Onofre de Abreu, dedicado trabalhador do Movimento Espírita mineiro. De caráter nobre e modesto, sua vida foi pautada em divulgar e vivenciar o Evangelho de Jesus, segundo o entendimento espírita. Ocupava o cargo de presidente da União Espírita Mineira (UEM), em segundo mandato, onde realizou profícuas atividades, e o de presidente do Conselho do Hospital Espírita André Luiz, quando ocorreu a sua desencarnação. Dirigiu o Grupo Espírita Emmanuel, que completou cinquenta anos de existência em outubro passado, no qual implantou o *Estudo Interpretativo do Evangelho à Luz da Doutrina Espírita* – o trabalho de sua vida –, que analisa a mensagem cristã, versículo a versículo. Este trabalho resultou na publicação do livro *Luz Imperecível*, sob sua coordenação, um foco irradiador de claridades evangélicas interpretadas sob o enfoque do Espiritismo. Colaborou na elaboração da apostila *Ensinos e Parábolas de Jesus*, do Curso Aprofundado da Doutrina Espírita, da Federação Espírita Brasileira (FEB).

Ao nobre confrade Honório, em seu retorno à Pátria Espiritual, rogamos as bênçãos de Jesus. ■

Em dia com o Espiritismo

Consciência, consciente, autoconsciência e autoconhecimento

MARTA ANTUNES MOURA

Tais palavras, comuns nos livros de auto-ajuda, são freqüentemente citadas em palestras e publicações espíritas, nos dias atuais. A ampla liberalidade de uso nem sempre se reveste dos cuidados que o correto entendimento de cada expressão exige, produzindo-se, em consequência, equívocos de interpretação dos postulados espíritas, quando ocorrem associações errôneas. Para se ter uma idéia da dificuldade de relacionar tais conceitos aos ensinamentos espíritas, registramos que o verbete *consciência*, por exemplo, apresenta quinze interpretações diferentes no *Dicionário Houaiss*.¹

A Medicina ensina que *consciência*^{2,3} é o sentido íntimo ou a percepção crítica de si mesmo quanto ao que é certo, errado, ou razoável. Dessa forma, o indivíduo conduz a sua existência por

meio de padrões de conduta e por juízos de valor. A palavra *consciência* não é sinônima de *consciente*, cujo sentido é outro: estado mental ou consciente, parte ou divisão do psiquismo que determina a atenção e a percepção imediatas, em contraposição com o subconsciente e o inconsciente.

Para o senso comum, *consciência* é o recurso íntimo presente no ser humano que lhe permite conhecer o mundo e as pessoas. A Filosofia, entretanto, apresenta conceituação diversa:

O uso filosófico desse termo tem pouco ou nada a ver com o significado comum [...]. O significado que esse termo tem na filosofia moderna e contemporânea, embora pressuponha genericamente essa acepção comum, é muito complexo: é o de uma relação da alma consigo

mesma, de uma relação intrínseca ao homem, “interior” ou “espiritual”, pela qual ele pode *conhecer-se* de modo imediato e privilegiado e por isso *julgar-se* de forma segura e infalível. Trata-se, portanto, de uma noção em que o aspecto *moral* – a possibilidade de autojulgar-se – tem conexões estreitas com o aspecto *teórico*, a possibilidade de conhecer-se de modo direto e infalível. [...] Portanto, o termo Consciência [...] significa não só qualidade de estar ciente de seus próprios conteúdos psíquicos (percepções externas ou atos autônomos do Espírito), mas a atitude de “retorno para si mesmo”, da indagação voltada para a esfera de interioridade.⁴

Léon Denis considera *consciência* não só como “[...] a faculdade de perceber, mas também o

sentimento que temos de viver, agir, pensar, querer [...]”.⁵ Esclarece, igualmente, que o desenvolvimento da consciência é gradual, segundo esta seqüência: sensações, sentimentos, capacidade intelectual, moralidade.⁵ Emmanuel entende que consciência é fagulha divina, única capaz de desenvolver a *autoconsciência* e o *autoconhecimento*:

Na história de todos os povos, observa-se a tendência religiosa da Humanidade; é que em toda personalidade existe uma fagulha divina – a consciência, que estereotipa em cada Espírito a grandeza e a sublimidade de sua origem; no embrião, a princípio rude nas suas menores manifestações, a consciência se vai despidendo dos véus de imperfeição e bruteza que a rodeiam, debaixo da influência de muitas vidas do seu ciclo evolutivo, em diferentes círculos de existência, até que atinja a plenitude do aperfeiçoamento psíquico e o conhecimento integral do seu próprio “eu”, que, então, se unirá ao centro criador do Universo, no qual se encontram todas as causas reunidas e de onde irradiará o seu poema eterno de sabedoria e amor.

É a consciência, centelha de luz divina, que faz nascer em cada individualidade a idéia da verdade, relativamente aos problemas espirituais, fazendo-lhe sentir a realidade positiva da vida imortal, atributo de todos os seres da criação.⁶

A *autoconsciência* “[...] tem significado e história diferentes de *consciência*. Na realidade não significa ‘consciência de si’, no sentido de cognição [...] que o homem tenha dos seus atos ou de suas manifestações, percepções, etc., tampouco significando retorno à realidade interior [...]; é a consciência que tem de si um Princípio infinito [Espírito imortal], condição de toda a realidade”.⁷ Estudiosos do assunto informam que pela conquista da *autoconsciência* o indivíduo desenvolve o autocontrole e aprende a enxergar as pessoas e os acontecimentos no contexto do real, não do imaginado. Explicam, igualmente, que pela *autoconsciência* aprende-se a identificar uma informação (fato ou idéia); entender seu real significado e utilizá-la de acordo com as ordenações da ética e da moral.

Segundo Joanna de Ângelis há critérios para a aquisição e o aperfeiçoamento da *autoconsciência*:

À medida que o ser amadurece psicologicamente, podendo discernir o que deve e pode fazer em relação ao que pode, mas não deve ou deve, porém não pode realizar, surge a *autoconsciência* que o predispõe ao crescimento interior livre de conflitos e tribulações.

.....
Esse processo demanda tempo e experiência, mediante os quais são avaliadas as propostas do conhecimento e as necessidades do sentimento.

.....

A *autoconsciência* desvela recursos inesgotáveis que permanecem adormecidos, aguardando o momento hábil para manifestar-se. É semelhante ao agradável calor que faz desabrochar a vida, amadurecer os frutos e alegrar os corações após invernia demorada e destrutiva.⁸

O desenvolvimento da *autoconsciência* desencadeia o *autocognhecimento*, situação que promove a saúde e a liberdade do Espírito, segundo esclarecimentos de Platão, Spinoza e Edgar Moran, valendo-se da sentença adotada por Sócrates: *conhece-te a ti mesmo*. Contudo, o indivíduo só inicia, efetivamente, o processo de *autoconhecimento* quando adquire plena convicção de que é um Espírito eterno, criado por Deus, preexistente e sobrevivente à morte do corpo físico. Sendo assim, os materialistas têm dificuldade para entender e desenvolver a *autoconsciência* e o *autoconhecimento*, uma vez que ignoram, desconhecem ou repelem a idéia da existência e sobrevivência do Espírito. As suas experiências de *autoconhecimento* são de superfície, principalmente se fundamentadas em métodos terapêuticos que desconsideram a imortalidade do ser e a realidade espiritual.

Há uma profusão de textos espíritas atualmente, sobretudo na *internet*, mas também publicados em periódicos e livros, que, a despeito de serem impregnados por uma aura de inovação, ajuntam, na verdade, conceitos oriundos de diversas

fontes do saber humano, como numa “colcha de retalhos”: da Medicina (inclusive da psiquiatria e da psicanálise), da Psicologia, da Física (física quântica), da Filosofia e da Religião. O resultado desta “salada” de idéias e conceitos, que mais confunde do que esclarece, provoca uma série de desordens e desvios doutrinário-espíritas.

Causa perplexidade essa tentativa de colocar em vala comum preceitos reducionistas, de natureza materialista, no mesmo nível das orientações espíritas, de sentido diametralmente oposto, que explicam claramente por que estamos aqui, de onde viemos e qual será a nossa destinação. Assim, é oportuno recordar este conselho de André Luiz:

[...] É preciso saber se estamos pensando, sentindo, falando e agindo para que o nosso regozijo de agora seja também regozijo depois.⁹

É preciso prudência e muita reflexão para associar idéias de outras áreas do saber às orientações espíritas, sem que ocorram mutilações na mensagem espírita, codificada por Allan Kardec. Neste aspecto, é dever e responsabilidade do espírita manter a pureza doutrinária do Espiritismo, ainda que tenhamos de car-

regar, vida afora, a carga da incompreensão. Emmanuel aconselha como agir em tal situação:

[...] E se as pessoas perseverarem na incompreensão, cuide cada trabalhador da sua tarefa, porque Jesus afirmou que o trigo crescerá ao lado do joio, em sua seara santa, mas Ele, o Cultivador da Verdade Divina, saberá escolher o bom grão na época da ceifa.¹⁰ ■

Referências:

¹HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro Sales; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 806.

²DAVIS, F. A. *Dicionário médico enciclopédico taber*. Tradução Fernando Gomes do Nascimento. 17. ed. São Paulo: Andrei, 2000. p. 391.

³DICIONÁRIO MÉDICO BLAKISTON. Tradução de Benjamin Mayerovitch [et. al.] 2. ed. São Paulo: 1987. p. 258.

⁴ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Coordenação de Alfredo Bosi. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 185-186.

⁵DENIS, Léon. *O problema do ser, do destino e da dor*. 30. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Terceira parte, “As potências da alma”, item XXI, p. 323.

⁶XAVIER, Francisco Cândido. *Emmanuel*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 15, p. 86.

⁷ABBAGNANO, Nicola. Op. cit. p. 95.

⁸FRANCO, Divaldo Pereira. *Autoconsciência*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. Mensagem psicografada em 14 de maio de 2001, em Düsseldorf, Alemanha. Publicada no *Jornal Mundo Espírita* de agosto de 2001. Disponível no site: <http://www.esprito.org.br/porta/artigos/mundo-espirita/autoconsciencia.html>

⁹XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Estude e viva*. Pelos Espíritos Emmanuel e André Luiz. 12. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. “Consciência e conveniência”, p. 31.

¹⁰XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Questão 366, p. 206.





A FEB e o Esperanto

Zamenhof – Traços luminosos de um nobre caráter*

AFFONSO SOARES

Embora se declarasse um judeu livre-pensador, Lázaró Luís Zamenhof, o criador do esperanto, sempre conduziu sua vida pairando por sobre quaisquer limitações sectárias. Este, aliás, era apenas um dos traços de sua personalidade superior, plenamente identificada com aquele homem de bem descrito por Allan Kardec no capítulo XVII, item 3, de *O Evangelho segundo o Espiritismo*.

Os frutos de sua vida e obra bem evidenciam a excelência da árvore de onde provinham. Tudo o que saía daquela alma era saturado das elevadas qualidades de seu caráter.

Ainda na infância, impressionado com os conflitos de natureza racial, religiosa e lingüística em sua cidade natal, a pequena Bialystok, sonhava Zamenhof solucioná-los de alguma forma, aí residindo a origem do que mais tarde se concretizaria sob a forma de uma Língua Internacional Neutra (esperanto) e de um código de moral, igualmente neutro

(homaranismo), com que objetivava a convivência fraterna, pacífica, entre grupos de línguas, raças e religiões diferentes.

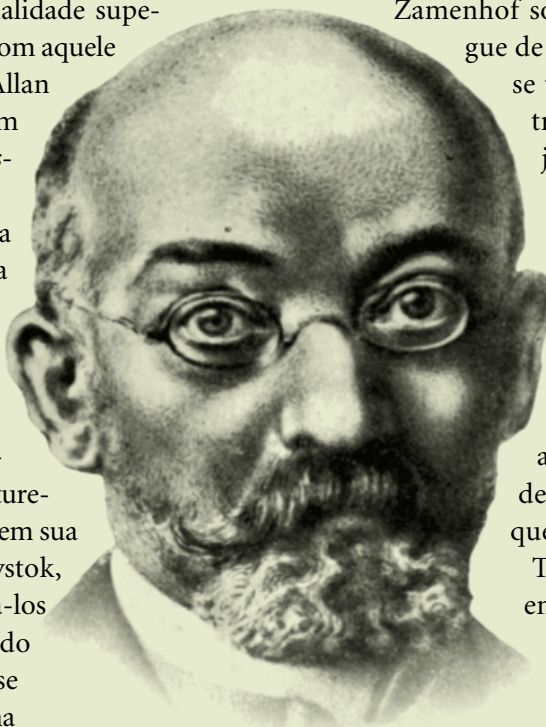
Em sua criação mais popular – o esperanto –, Zamenhof soprou uma alma que o distingue de qualquer outra língua: que ela se torne em veículo para que entre os povos se estabeleçam a justiça e a fraternidade.

E sua outra obra – o homaranismo –, ele a impregnou com a pura essência da Lei Maior, definindo-lhe como único princípio de caráter religioso o direito de cada um conceber Deus como lhe dita a consciência ao lado do dever de se fazer ao próximo apenas o que se deseja para si.

Tão nobres idéias não ficavam encerradas em mera pregação, oral ou escrita. Eram sinceramente vividas por Zamenhof, a começar pela própria família, como o prova, entre tantas ou-

tras suas virtudes, a devoção com que praticava o amor filial.

Seu pai, Marco Zamenhof, que sofria pela morte da esposa e a convocação de dois filhos para a



Lázaró Luís Zamenhof

* Adaptação, resumida, de palestra proferida em 8 de dezembro de 2006, na Cooperativa Cultural dos Esperantistas, Rio de Janeiro.

guerra russo-japonesa, consolava-se num trabalho sobre provérbios em diversas línguas, de que chegaram a ser publicados os três primeiros cadernos. Um dia, Marco recebe da firma Möller & Borel uma encomenda de algumas centenas de exemplares da obra, o que muito o alegrou, amenizando seu sofrimento moral. Marco, porém, nunca saberia em vida que a encomenda se deveu à iniciativa do filho amoroso, pois foi Zamenhof quem escreveu a Möller & Borel, pedindo-lhes solicitar os livros, tudo pagando antecipadamente... O segredo só foi revelado em 1919, dois anos após sua morte, por Félix Zamenhof, em um esboço biográfico sobre o irmão.

Zamenhof se impressionava fortemente com o sofrimento do próximo, deixando-se envolver na mais intensa piedade. Certa vez, atendendo à súplica desesperada de um pai, cuja filha se aproximava de cruel agonia, conseguiu salvá-la após horas seguidas de incansável intervenção. Vendo, porém, a miséria reinante naquele lar, ele não somente dispensou o pai do pagamento de qualquer quantia por seus serviços, como também deixou seus poucos recursos para a compra de medicamentos. Tal prática de legítima piedade e caridade, aliás, se repetiu muitíssimas vezes na vida do grande missionário. Dentre tantos episódios dessa grandeza, registramos apenas mais um, revelador da superioridade moral do criador do esperanto: compondo, com outros colegas, uma junta para socorro a uma anciã, recusou-se terminantemente, ao contrário dos outros médicos, a receber qualquer honorário, simplesmente porque não foi possível evitar o desenlace da cliente.

Um dos momentos culminantes de sua vida, toda dedicada ao bem da Humanidade, foi o perdão sincero concedido a um co-idealista francês em quem depositava ilimitada, incondicional confiança, mas que o traiu da forma mais vil. Para essa pobre criatura, que dantes havia tido grande e positiva influência no Movimento Esperantista, Zamenhof manteve seus braços sincera e permanentemente abertos até o fim de sua vida, assegurando-lhe todas as possibilidades de reconsideração e retorno às fileiras do esperantismo.



Marco Zamenhof: teve obra publicada graças a encomenda do filho, Lázaro Zamenhof

Muito, muito mais se poderia dizer sobre o genial iniciador do esperanto, a cujo respeito o Espírito Francisco Valmiro Lorenz, na mensagem “O Esperanto como revelação”, ditada a Francisco Cândido Xavier em 19/1/59, *Reformador* de abril/1959, p. 13(81)-15(83), assim se expressou, definindo-lhe a grandeza espiritual:

[...] um dos grandes missionários da Luz, consagrado à concórdia [...].

[...] gênio da confraternização humana [...].

[...] grande mensageiro da fraternidade.

A escassez de espaço, todavia, nos obriga a sintetizar os traços luminosos de seu caráter superior: fé inabalável em Deus, fé no futuro, fé na alma humana, caridade, humildade sincera, compaixão, bondade, afabilidade, tolerância, humanidade, indulgência, perdão, entre tantos outros atributos, próprios de Espíritos efetivamente superiores. ■

Cristianismo Redivivo

História da Era Apostólica

Novas perguntas

“A diversidade de imagens de Jesus levanta a suspeita de que os retratos de Jesus sejam na verdade auto-retratos de seus autores.”¹

HAROLDO DUTRA DIAS

O reinado de Guilherme II (1859-1941) assistiu, na Alemanha, ao florescimento do liberalismo teológico e da pesquisa “clássica” sobre a história do Cristianismo, cuja característica marcante foi a exploração histórico-crítica das fontes literárias, visando a reconstrução da personalidade e da vida de Jesus, ao menos na concepção dos seus expositores mais destacados.

Inaugurava-se a *Terceira Fase* da pesquisa histórica do Cristianismo sob a influência de desmedido otimismo. F. Baur defendia a primazia dos sinóticos sobre o Evangelho de João. H. Holzmann propunha a teoria das duas fontes, segundo a qual Marcos e “Q”²

representavam as mais antigas e confiáveis fontes para a reconstrução do quadro biográfico do Cristo.

O colapso do liberalismo teológico, porém, veio mais cedo do que se imaginava, em virtude de três fatores: a constatação do caráter fragmentário dos evangelhos, que impediria qualquer esforço de extrair um “desenvolvimento” da personalidade de Jesus a partir da seqüência narrativa do evangelho de Marcos; o caráter tendencioso das fontes antigas, visto que o evangelista privilegiava determinada mensagem, ainda que em detrimento

de uma suposta “precisão histórica”; o elemento projetivo das biografias sobre Jesus, uma vez que os biógrafos retratavam a personalidade do Mestre ao sabor das suas preferências e conveniências pessoais.

O ocaso da Teologia Liberal contribuiu para o surgimento da chamada “Teologia Dialética”, herdeira da filosofia existencialista de Heidegger, segundo a qual “o ser humano conquista sua ‘autenticidade’ apenas na decisão, a qual não pode ser assegurada mediante argumentos objetiváveis (como o conhecimento histórico). Para um existencialismo cristão a decisão é a resposta ao chamado de Deus no querigma³ da cruz e da ressurreição de Cristo, que o ser humano

¹THEISEN, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus histórico*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 31.

²Termo alemão que significa “fonte”. Schleiermacher foi o primeiro a propor a existência de uma *coletânea de declarações de Jesus* como uma das fontes dos evangelhos. Alguns críticos acreditam que Papias faz referência a esse documento quando

menção a existência das “Logias” de Levi. Todavia, cumpre salientar que não há comprovação histórica da existência do referido documento. O trabalho dos estudiosos tem sido selecionar ditos de Jesus, nos evangelhos de Mateus e Lucas, ausentes no evangelho de Marcos, propondo que essa seleção aponte para a suposta fonte “Q”. Em resumo, estamos diante de uma hipótese que deve ser analisada com cautela.

³No grego, essa palavra (querigma) significa “a coisa pregada”, a pregação dos primeiros cristãos, ou melhor, o conjunto de crenças básicas por eles defendidas e divulgadas.

compreende por meio de um morrer e viver existencial em Cristo”.⁴

O trabalho de R. Bultmann (1884-1976), o mais destacado exegeta da Teologia Dialética, reflete o ceticismo histórico que tomou conta dos pesquisadores, após o colapso da pesquisa tradicional. Na sua concepção, o Cristianismo começa apenas com a Páscoa, razão pela qual conclui que o ensino de Jesus não é relevante para uma Teologia Cristã. Nessa abordagem, o Jesus histórico não é objeto nem fundamento da pregação neotestamentária, que se baseia exclusivamente no “Cristo” percebido e divulgado após o Pentecostes (Cristo Querigmático).⁵

A *Quarta Fase* da pesquisa, desenvolvida no círculo dos discípulos de Bultmann, propõe uma “nova pergunta” pelo Jesus histórico, buscando o elo entre a pregação pós-pascal dos apóstolos e a pregação do próprio Jesus. Enquanto a “antiga pergunta” (Teologia Liberal) contrapunha Jesus à pregação da Igreja, a “nova pergunta” procura harmonizar esses dois elementos.

No lugar da reconstrução crítico-literária das fontes, a metodologia da Teologia Dialética se concentra na comparação entre a história das religiões e a história da tradição evangélica. Nesse contexto, assume papel relevante o intitulado “critério da diferença”,

segundo o qual, para se reconstruir um mínimo de tradição autêntica sobre Jesus, torna-se necessário excluir tudo que possa ser derivado tanto do Judaísmo quanto da pregação apostólica, na busca da voz “original” do Cristo.

Na opinião dos estudiosos do tema:

[...] com o fim da escola bultmaniana ficaram cada vez mais evidentes as arbitrariedades da “nova pergunta” pelo Jesus histórico. Ela era basicamente determinada pelo interesse teológico de fundamentar a identidade cristã ao distingui-la do judaísmo e de garanti-la ao separá-la de heresias cristãs primitivas (como a gnose e o entusiasmo carismá-

tico). Por isso ela deu preferência a fontes ortodoxas e canônicas.⁶

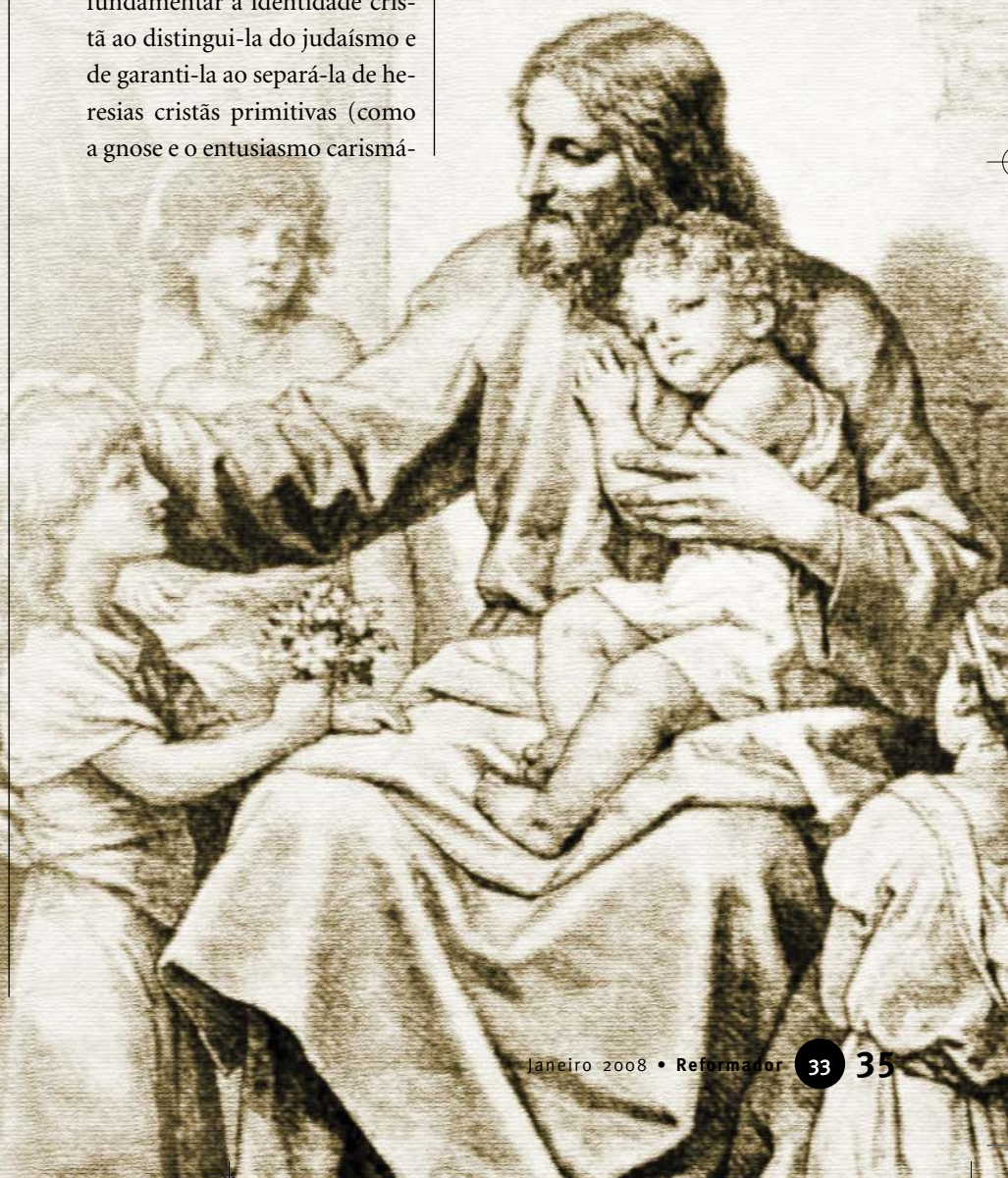
Assim, o esforço para minimizar os contornos judaicos da mensagem cristã constitui o aspecto problemático dessa abordagem, já que favoreceu o anti-semitismo, desfigurando o pano de fundo histórico dos evangelhos para torná-lo mais palatável aos existencialistas.

A *Quinta Fase* da pesquisa, também conhecida como terceira bus-

⁶THEISEN, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus histórico*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 28.

⁴THEISEN, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus histórico*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 31.

⁵O Cristo retratado na pregação dos apóstolos e dos primeiros cristãos do Século I.



ca (*Third Quest*), que se desenvolveu, sobretudo, nos países de fala inglesa, procura superar essas idiossincrasias. Nela, o interesse histórico-social substitui o interesse teológico, ao passo que a inserção de Jesus no Judaísmo substituiu o interesse de separá-lo das suas bases históricas e sociais. Há, também, maior abertura a fontes não-canônicas (em parte heréticas), tais como os apócrifos.

Em suma, munidos dos novos instrumentos da pesquisa hodierna, tais como história antiga, crítica literária, crítica textual, filologia, papirologia, arqueologia, geografia, religião comparada, os atuais pesquisadores tentam reconstruir o ambiente sociocultural de Jesus, de modo a experimentar o efeito que as palavras do Mestre produziram nos ouvintes da sua época.

Nesse esforço, procura-se evitar juízos preconcebidos, premissas rígidas, preconceitos étnicos, deixando que a mensagem se estabeleça ainda que contrariamente às expectativas dos crentes atuais. No entanto, ao montar o quebra-cabeça da história do Cristianismo Primitivo com as escassas peças disponíveis, nem sempre é possível ao pesquisador humano dispensar certa dose de imaginação.

Na avaliação de Gerd Theisen:

[...] todas as descrições de Jesus contêm um elemento construtivo que vai além dos dados contidos nas fontes. A imaginação histórica cria com suas hipóteses uma "aura de ficcionalidade" em torno da figura de Jesus, assim

como a imaginação religiosa do Cristianismo primitivo. Pois tanto aqui como lá atua uma grande força imaginativa, acesa pela mesma figura histórica. Em ambos os casos, ela opera de forma aberta: símbolos religiosos, imagens e mitos permitem sempre nova interpretação, hipóteses históricas permitem sempre nova correção. Neste processo, nem a construção religiosa, nem a reconstrução histórica da história de Jesus procede com arbitrariedade, mas com base em convicções axiomáticas. A imaginação religiosa do cristianismo primitivo é conduzida pela sólida crença de que por meio de Jesus é possível fazer contato com Deus, a realidade última. A imaginação histórica é determinada pelas convicções básicas da consciência histórica: todas as fontes se originam de seres humanos falíveis e devem, portanto, ser submetidas à crítica histórica.⁷

O espírita-cristão, abençoado pela revelação dos Espíritos superiores, especialmente na produção mediúnica de Francisco Cândido Xavier, conta com um elemento precioso, muitas vezes negligenciado. Os romances do Benfeitor Emmanuel constituem detalhado processo de reconstrução dos três primeiros séculos do Cristianismo.

Nesses romances, alguns dados da pesquisa histórica puramente humana são confirmados, todavia,

⁷THEISEN, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus histórico*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 31.

muitas retificações são feitas, de forma sutil. Exige-se do leitor exame cuidadoso, sob pena de serem divulgadas informações espiritualmente incorretas, apenas porque determinado pesquisador encarnado as defende em suas obras.

Nesse sentido, é valiosa a advertência de Emmanuel:

[...] Hipóteses incontáveis foram aventadas, mas os sábios materialistas, no estudo das idéias religiosas, não puderam sentir que a intuição está acima da razão e, ainda uma vez, falharam, em sua maioria, na exposição dos princípios e na apresentação das grandes figuras do Cristianismo. [...] É que, portas a dentro do coração, só a essência deve prevalecer para as almas e, em se tratando das conquistas sublimadas da fé, a intuição tem de marchar à frente da razão, preludiando generosos e definitivos conhecimentos.⁸

Vê-se que a proposta da Espiritualidade superior reside na conjugação da Razão e da Fé, razão pela qual, antes de iniciarmos nosso estudo da "História Apostólica", à luz da obra *Paulo e Estêvão*, decidimos fazer um histórico da **pesquisa acadêmica**, a fim de evitar, ou pelo menos conhecer, as extravagâncias e equívocos de seus expositores. ■

⁸XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 36. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. XIV, item "A redação dos textos definitivos", p. 124-125.



Reunião Ordinária do Conselho Federativo Nacional

A Reunião do Conselho Federativo Nacional da FEB, realizada em Brasília, de 9 a 11 de novembro de 2007, obedeceu à seguinte pauta:

1. Instalação, prece e palavra do presidente do CFN

O presidente da FEB e do CFN, Nestor João Masotti, abriu a Reunião com uma prece e expressou a satisfação de iniciar mais uma Reunião do Conselho Federativo Nacional, contando com a presença dos representantes das 26 Entidades Federativas dos Estados e a do Distrito Federal; dos visitantes Milciades Lezcano Torres, Jorge Segoyia e Luis Julian Segovia Jhannsen, integrantes do Movimento Espírita do Paraguai, e

de Elsa Rossi, membro da diretoria da União Britânica das Sociedades Espíritas (*British Union of Spiritists Societies*); e, como convidados, dos representantes das Entidades Especializadas de Âmbito Nacional, que se reuniram na véspera: Associação Brasileira de Divulgadores do Espiritismo (Abrade) – Marcelo Firmino Dias e Saara Nousiainen –, Associação Médico-Espírita do Brasil (AME-Brasil) – Marlene Rossi Severino Nobre –, Associação Brasileira dos Magistrados Espíritas (Abrame) – Zalmir Zimmermann –, Cruzada dos Militares

Espíritas (CME) – José Plínio Monteiro e Eloy Carvalho Villela –, Instituto de Cultura Espírita do Brasil (ICEB) – Maria Amélia Braghirolli Serrano e Ronaldo Dias Serrano.

Em sua manifestação, o presidente do CFN comentou o momento especial do ano de 2007, com as comemorações do Sesquicentenário de *O Livro dos Espíritos*, incluindo as ações com vistas à implementação do “Plano de Trabalho para o Movimento Espírita Brasileiro (2007-2012)”, e os esforços para a difusão da Doutrina Espírita. ▶

O presidente da FEB, Nestor Masotti, fala ao CFN



2. Expediente

Foram aprovadas por unanimidade as Atas das Reuniões realizadas nos períodos de 10 a 12 de novembro de 2006 (publicada na Edição Especial de *Reformador* de maio de 2007), e no dia 12 de abril de 2007 (publicada na Edição Especial de *Reformador* de julho de 2007).



Representantes da Região Sul e visitantes em dinâmica de grupo sobre o tema Comissões Regionais

3. Ordem do Dia

3.1 Apresentação do relatório das atividades das Entidades Federativas Estaduais

Todas as Entidades Federativas entregaram relatórios escritos sobre as ações realizadas ao longo deste ano e algumas expuseram pôsteres. Na Reunião, alguns representantes deram destaque a eventos significativos, como os de Alagoas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo.

3.2 Atividades Federativas

Este item da Pauta foi desenvolvido em forma de dinâmica de grupo, sob a coordenação da Secretaria Geral do CFN. Os representantes das Entidades Federativas foram divididos em quatro grupos, de conformidade com as Comissões Regionais do CFN (Norte, Nordeste, Centro e Sul). Os grupos foram coordenados pelos secretários das Comissões

Regionais do CFN, escolhendo-se secretários e relatores. Em cada grupo houve análise sucinta do trabalho, que vem sendo realizado, de implementação dos textos aprovados pelo CFN: *Orientação ao Centro Espírita* e “Plano de Trabalho para o Movimento Espírita Brasileiro (2007-2012)”.

Foram definidos os temas para as Reuniões dos Dirigentes: Norte – “O papel do dirigente como multiplicador na Casa Espírita”; Nordeste – “Gestão Federativa”; Centro – “Principais necessidades e dificuldades para a estruturação e implantação do Plano de Trabalho pelas Federativas”; Sul – “Reflexões éticas sobre a influência das atividades de entidades não federadas e a qualidade das produções espíritas”.

Os grupos apresentaram propostas para o desenvolvimento das Reuniões das Comissões Regionais do CFN em 2008 e, em plenário, ficou definido que a metodologia das mesmas será efetivada de acordo com as sugestões recebidas, mantendo-se as diferenciações e características de cada Região.

Em seguida, os coordenadores de Áreas das Comissões Regionais apresentaram algumas informações relevantes em seus âmbitos de atuação: Atendimento Espírita no Centro Espírita, por Maria Euny Herrera Masotti; Atividade Mediúnica, por Marta Antunes de Oliveira Moura; Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, apresentadas em outro momento, por Cecília Rocha; Infância e Juventude, pela assessora Miriam Lúcia Herrera Masotti Dusi; Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita, por José Carlos da Silva Silveira.

Ao finalizar o item sobre Atividades Federativas, o secretário-geral do CFN, Antonio Cesar Perri de Carvalho, teceu considerações gerais acerca dos resultados da dinâmica de grupo, o planejamento das Comissões Regionais para 2008 e os próximos passos para implementação do “Plano de Trabalho para o Movimento Espírita Brasileiro (2007-2012)”, reiterando que a Secretaria Geral está à disposição para eventuais apoios.

3.3 Atividades Editoriais

O vice-presidente da FEB, Ilcio Bianchi, prestou informações sobre as atividades do Departamento Editorial, incluindo a edição de livros e da revista *Reformador*. Referiu-se às novas reedições programadas, dentro do processo de atualização de composição, e do lançamento de Edição Especial Comemorativa da *Revista Espírita* (1858-1869). Vários representantes de Entidades Federativas se manifestaram com perguntas e sugestões acerca da distribuição e comercialização de livros.

A vice-presidente Cecília Rocha deu informações sobre a edição e difusão de Programas de Estudos Doutrinários (Apostilas).

3.4 Sesquicentenário de *O Livro dos Espíritos*

3.5 Campanhas *Família, Vida e Paz*

As manifestações relativas aos dois itens foram feitas conjuntamente. Quase todos os representantes se inscreveram para prestar

informações relativas à programação das atividades comemorativas do Sesquicentenário e às Campanhas *Família, Vida e Paz*.

O Sesquicentenário de *O Livro dos Espíritos* foi assinalado, em todos os Estados, com atividades comemorativas através de palestras, seminários, semanas espíritas e congressos estaduais. Vários Estados contaram com eventos em ambientes públicos e sessões solenes em Assembléias Legislativas e Câmaras de Vereadores, e, também, com publicações de jornais especiais e de livros.

O secretário-geral do CFN, como coordenador da Comissão designada para programar as atividades do Sesquicentenário, informou que foi cumprida a programação geral aprovada pelo CFN: a edição do selo personalizado e do carimbo obliterativo pelos Correios; o 2º Congresso Espírita Brasileiro, realizado em Brasília, em 13 abril de 2007; Edição Especial comemorativa de *O Livro dos Espíritos* e de Suplementos e Edição Especial de *Reforma-*

dor; lançamento da nova edição de *Orientação ao Centro Espírita* e da aprovação do “Plano de Trabalho para o Movimento Espírita Brasileiro (2007-2012)” e participação em Sessão Solene na Câmara dos Deputados.

As Entidades Federativas deram continuidade ao desenvolvimento das Campanhas *Família, Vida e Paz*, neste ano, tendo havido, porém, priorização para as ações relacionadas com o Movimento “*Em Defesa da Vida – Brasil Sem Aborto*”. Em vários Estados foram instalados Comitês integrados pela sociedade civil e inter-religiosos, com intensa participação da Entidade Federativa Estadual, sendo promovidos atos públicos. O encarte de *Reformador* “A Vida e o Aborto na Visão Espírita” (edição de agosto de 2007) foi amplamente distribuído pelas referidas Federativas e também em alguns jornais leigos.

O presidente e o secretário-geral do CFN informaram sobre a atuação da FEB no ato público realizado na Praça da Sé, em São

Aspecto do Plenário



Paulo, em março; na Marcha Nacional da Cidadania *Em Defesa da Vida* – Brasil Sem Aborto, realizada na Esplanada dos Ministérios, em Brasília, no dia 15 de agosto; e a respeito das publicações da FEB sobre a questão do aborto. O secretário-geral referiu-se à formação dos comitês estaduais do citado Movimento, e, para colaborar com este objetivo, apresentou o Sr. Jaime Ferreira Lopes, integrante do Movimento Nacional *Em Defesa da Vida*.

3.6 Movimento Espírita Internacional

O presidente Nestor João Massotti, como secretário-geral do Conselho Espírita Internacional, prestou algumas informações e passou a palavra para Antonio Cesar Perri de Carvalho, integrante da Comissão Executiva do CEI. Este relacionou as principais ações do CEI durante o ano de 2007, como visitas, cursos, seminários, apoios e participação em congressos, comemorações do Sequicentenário, edições de livros e da *Revista Espírita* em outros idiomas, e o primeiro ano de funcionamento da TVCEI; fez referência ao 5º Congresso Espírita Mundial e à 12ª Reunião do CEI, realizados em Cartagena (Colômbia), em outubro do ano passado. Destacaram-se, dos relatos feitos na referida Reunião, as seguintes informações: o Panamá passou a ser o 33º país integrado ao CEI, a União Espírita Francesa e Francófônica (UEFF)

está doando ao CEI os direitos de *La Revue Spirite*, e o 6º Congresso Espírita Mundial será realizado na Espanha, em outubro de 2010.

3.7 Proposta da Federação Espírita do Paraná

O CFN analisou a proposta apresentada pela Federação Espírita do Paraná (FEP) e outra formulada pela FEB. Aprovou esta última com as emendas propostas por uma comissão formada, no momento, pelo CFN. Ao final, foi aprovada a seguinte redação:

“Declaração de Reconhecimento

Considerando o trabalho que vem sendo realizado por Divaldo Pereira Franco em 60 anos de atividades voltadas à difusão da Doutrina Espírita, completadas neste ano, tendo por referência permanente os ensinamentos contidos nas obras básicas de Allan Kardec que constituem a Codificação Espírita;

Considerando que, nesse período, através do seu trabalho de constante visitação a múltiplas localidades de nosso mundo, o estimado confrade promoveu a criação de inúmeros núcleos de estudo e difusão do Espiritismo no Brasil e no Exterior;

Considerando que seu trabalho vem proporcionando o fortalecimento da união dos espíritas e de entidades espíritas, tais como o Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira e o Conselho Espírita In-

ternacional, na execução de suas realizações, bem como a Unificação do Movimento Espírita, dentro dos princípios de liberdade, fraternidade, solidariedade e responsabilidade que a Doutrina Espírita preconiza;

Considerando o seu trabalho educacional e de promoção social, através da Mansão do Caminho, desde 1947, que já atendeu a milhares de cidadãos brasileiros;

Considerando sua extensa e elucidativa produção psicográfica que já ultrapassa duas centenas de obras, todas com direitos autorais cedidos a instituições de benemerência, com traduções para 14 idiomas;

Considerando, ainda, o reconhecimento de sua atuação no mundo, que lhe valeu o título de Embaixador para construção de uma cultura de Paz, pela UNESCO,

O Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira, reunindo nesta data todas as Entidades Federativas Estaduais que o constituem, resolve manifestar o Reconhecimento e a Solidariedade de todo o Movimento Espírita brasileiro aqui representado, ao nobre trabalho que continua a ser desenvolvido pelo estimado companheiro de ideal Divaldo Pereira Franco”.

3.8 Assuntos gerais

Sesquicentenários da *Revista Espírita* e da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, e 3º Congresso Espírita Brasileiro

O CFN aprovou duas propostas apresentadas pela FEB:

a) Recomendação de que as Entidades Federativas Estaduais promovam ao longo do ano de 2008 comemorações alusivas aos Sesquicentenários da *Revista Espírita* e da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. E também que, ao ensejo das comemorações dos 150 anos de fundação da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, e considerando que esta foi a primeira Casa Espírita do mundo, seja estimulada a divulgação e a implementação do *Orientação ao Centro Espírita*.

b) A realização do 3º Congresso Espírita Brasileiro, no mês de abril de 2010, em Brasília; e o início de estudos com este objetivo, a serem apresentados ao CFN, em sua Reunião de novembro de 2008.

Estudos sobre a Arte Espírita

A partir de proposta da Federação Espírita Paraibana, após discussões, o CFN concluiu que devem ser iniciados estudos sobre as ações na Área da Arte Espírita no

País e formou comissão para apresentação dos resultados na Reunião do CFN de 2008. A comissão é coordenada por José Raimundo de Lima (Paraíba) e integrada por Creuza Santos Lage (Bahia), César de Jesus Moutinho (Distrito Federal), Maria Lúcia Resende Dias Faria (Espírito Santo), Saulo Gouveia Carvalho (Mato Grosso), Aloísio Ghiggino (Rio de Janeiro), Sandra Maria Borba Pereira (Rio Grande do Norte) e Gladis Pedersen de Oliveira (Rio Grande do Sul).

Informações Gerais

O presidente apresentou informações acerca da decisão da Procuradoria Federal no Estado da Bahia sobre o “Programa de Ajustamento de Conduta” e o “Termo de Compromisso de Conduta” que as Editoras que publicam as obras de Allan Kardec deverão atender; a manifestação da FEB, de acordo com a legislação vigente, quanto à preservação das traduções de Guillon Ribeiro; e a criação do Instituto Chico Xavier, em Uberaba (MG).

3.9 Próxima reunião

A Reunião do CFN de 2008 será realizada nos dias 7, 8 e 9 de novembro.

4. Encerramento

Os momentos finais da Reunião contaram com a presença de José Raul Teixeira e de Divaldo Pereira Franco. Este último, psicofonicamente, recebeu mensagem de Bezerra de Menezes, intitulada “Sem adiamentos” (publicada nesta edição, p. 8 e 9). O presidente considerou a mensagem como uma prece de encerramento, agradeceu a presença e a colaboração de todos e deu por concluída a Reunião.

Participação especial

No período de Reunião do CFN ocorreram atuações especiais: na noite do sábado (dia 10), palestra de José Raul Teixeira, nas dependências do Salão de Conferências da FEB (Cenáculo), e de Divaldo Pereira Franco, no final da tarde de sábado (dia 10), dirigindo-se ao CFN e na tarde de domingo (dia 11), proferindo conferência no Teatro Pedro Calmon do Quartel General do Exército, em Brasília. ■



Palestra de José Raul Teixeira nas dependências do Salão de Conferências da FEB (Cenáculo)



Palestra de Divaldo Pereira Franco proferida no Teatro Pedro Calmon do Quartel General do Exército em Brasília



Seara Espírita

● **Roraima: Capacitação para Evangelizadores**

A Federação Espírita de Roraima promoveu no dia 24 de novembro de 2007 a Capacitação para Evangelizadores, que contou com a presença de estudantes da Doutrina Espírita e igualmente dos evangelizadores. O evento ocorreu no Centro Espírita Paulo de Tarso. Informações: www.fer-roraima.org

● **Maranhão: Comemoração de Aniversário da Federação**

A Federação Espírita do Maranhão (FEM) comemorou 57 anos de fundação com evento realizado nos dias 30 de novembro a 2 de dezembro de 2007, incluindo palestra pública e seminário sobre o “Plano de Trabalho para o Movimento Espírita Brasileiro (2007-2012)”, ambos desenvolvidos por Marcos Leite e Roberto Fuina Versiani, integrantes da equipe da Secretaria Geral do CFN.

● **Rio de Janeiro: Teatro Espírita**

Em dezembro de 2007, o Conselho Espírita do Estado do Rio de Janeiro (CEERJ) apresentou ao público espírita as peças *Mais Vivo do Que Nunca* e *Eurípedes Barsanulfo – Uma Vida de Doação*. A peça *Mais Vivo do Que Nunca* traz reflexões acerca da problemática dos Espíritos, que inclui a dificuldade na ascensão aos planos superiores da Espiritualidade e a ignorância quanto às Leis que regem o Universo, como a de Amor e a de Causa e Efeito. A última aborda fatos marcantes da vida de Eurípedes, dedicada ao Bem e à propagação do conhecimento e do Espiritismo nascente. A peça é escrita e dirigida por Ronaldo Óliver, cantor e diretor de teatro no Rio de Janeiro. Informações: www.ceerj.org.br

● **Rio Grande do Norte: Jornada Espírita**

Um final de semana todo dedicado à discussão da paz sob a ótica espírita, tendo como tema central: “A minha paz vos deixo, a minha paz vos dou”. Este foi o objetivo da 7ª Jornada Espírita Emílio Mallet, que aconteceu de 16 a 19 de novembro de 2007, na

Sociedade Espírita Emílio Mallet, em Natal. A 7ª Jornada Espírita Emílio Mallet contou com o apoio da Federação Espírita do Rio Grande do Norte (FERN). Informações: (84) 8815-7374 e (84) 9404-1210.

● **Cinquentenário do ICEB**

No dia 6 de dezembro de 2007, o Instituto de Cultura Espírita do Brasil (ICEB) realizou, na Sede Secional da FEB no Rio de Janeiro (Av. Passos, 30, Centro), a comemoração de seus 50 anos de fundação. O conferencista José Raul Teixeira fez palestra de tema livre em homenagem aos precursores, pioneiros e fundadores do ICEB e aos 100 anos do escritor e conferencista espírita Deolindo Amorim. Informações: institutoculturaespiritadobr@gmail.com

● **São Paulo: Reunião em Bauru**

A USE Intermunicipal Bauru (SP) promoveu, nos dias 8 e 9 de dezembro de 2007, o Encontro Estadual de Dirigentes Espíritas. Em sessão solene de encerramento das comemorações dos 150 anos de Espiritismo, o diretor da Federação Espírita Brasileira (FEB), Evandro Noleto Bezerra, proferiu palestra no dia 8, sobre o tema “Os desafios na Codificação Kardequiana”.

● **Esperanto: Anuário virtual**

Desde que foi lançada a versão virtual do Anuário da Associação Universal de Esperanto, a publicação vem ganhando popularidade. Cerca de 25% dos esperantistas de todo o Planeta buscam-no pelo computador. Para ter acesso ao chamado *Jarlibro*, o internauta tem de ser sócio da entidade máxima do esperantismo internacional. O Brasil aparece em quarto lugar na lista de países que mais acessam o Anuário. Informações: www.uea.org

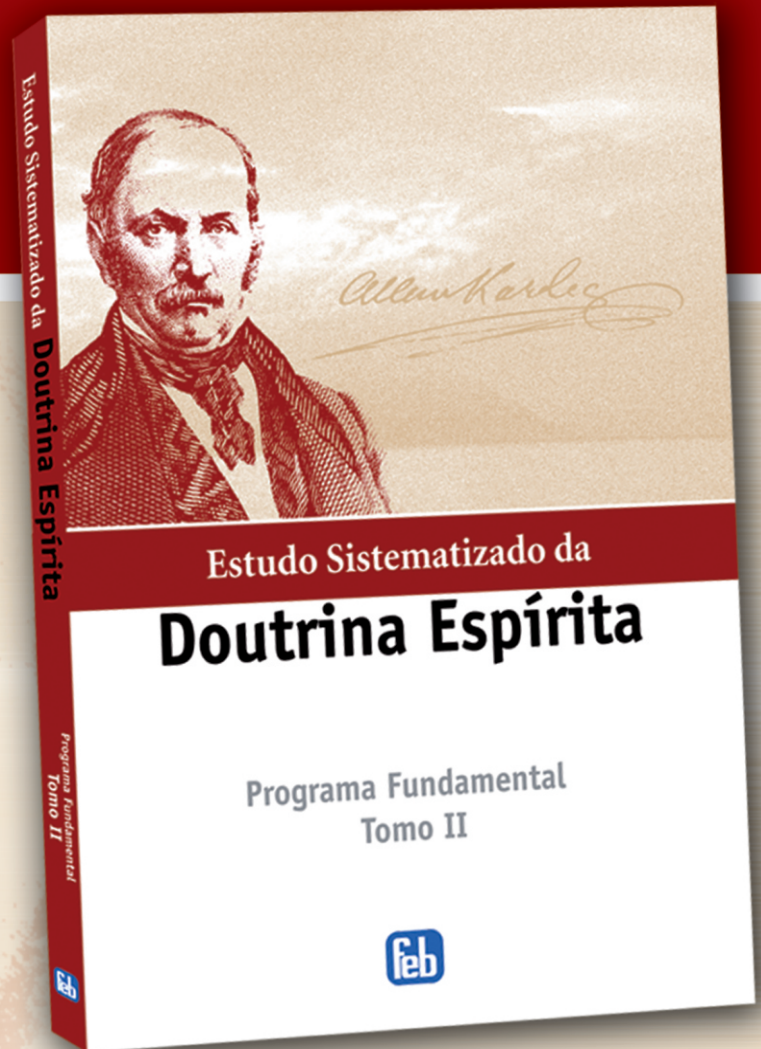
● **Casas Espíritas centenárias**

Solicitamos às instituições espíritas que já tenham completado 100 anos, o envio dessa informação, com dados sobre suas atividades, para divulgação em *Reformador*.

Relançamento

TOMO II

O Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita – Programa Fundamental – Tomo II aborda assuntos referentes à terceira e à quarta partes de *O Livro dos Espíritos*, que tratam respectivamente das Leis Morais e das Esperanças e Consolações. São vinte e sete roteiros, distribuídos em nove módulos, que oferecem aos estudantes e pesquisadores da Doutrina Espírita a oportunidade de refletir a respeito da conduta moral ante os imperativos da nossa evolução espiritual.



Coleção
Léon Denis

*O Problema do Ser,
do Destino e
da Dor*



Esta obra, do pensador francês Léon Denis, vem responder às questões: quem somos, de onde viemos, para onde vamos, às quais a Humanidade sempre buscou respostas. A contribuição desse autor é uma nova e profunda abordagem a dois temas recorrentes da Literatura e da Filosofia: o amor e a dor.